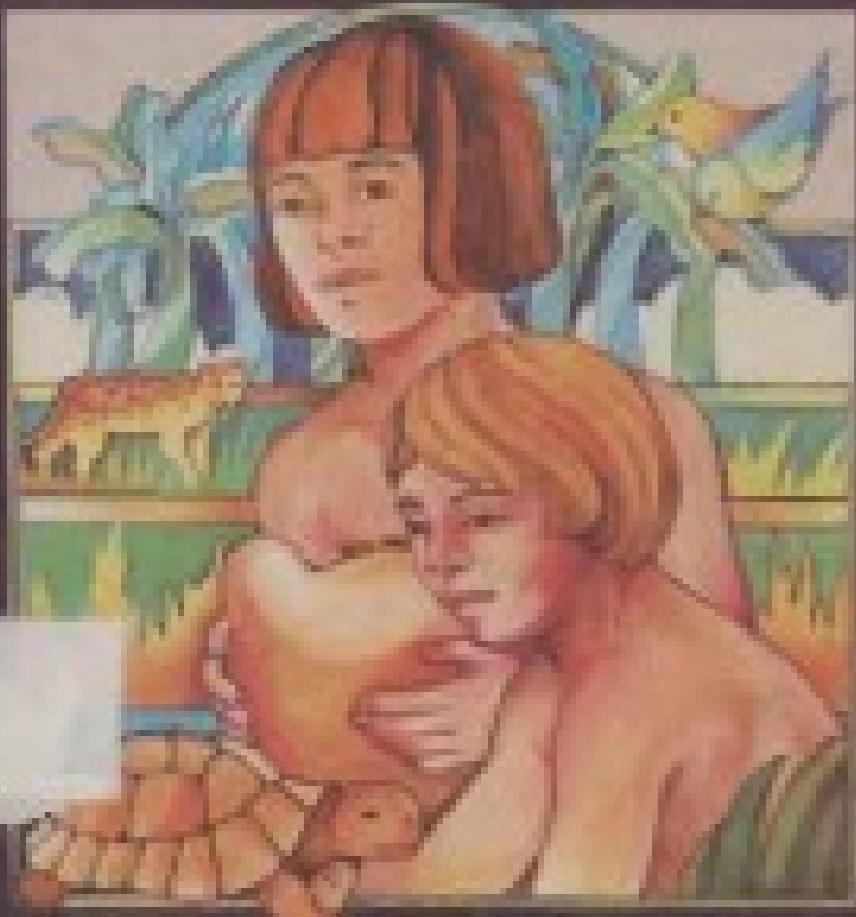


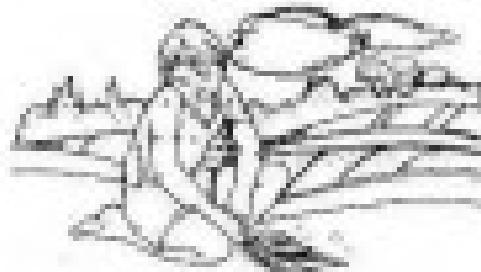
OFÉLIA e MARIBAL FONTES

CEM NOITES TAPUÍAS



DA





I

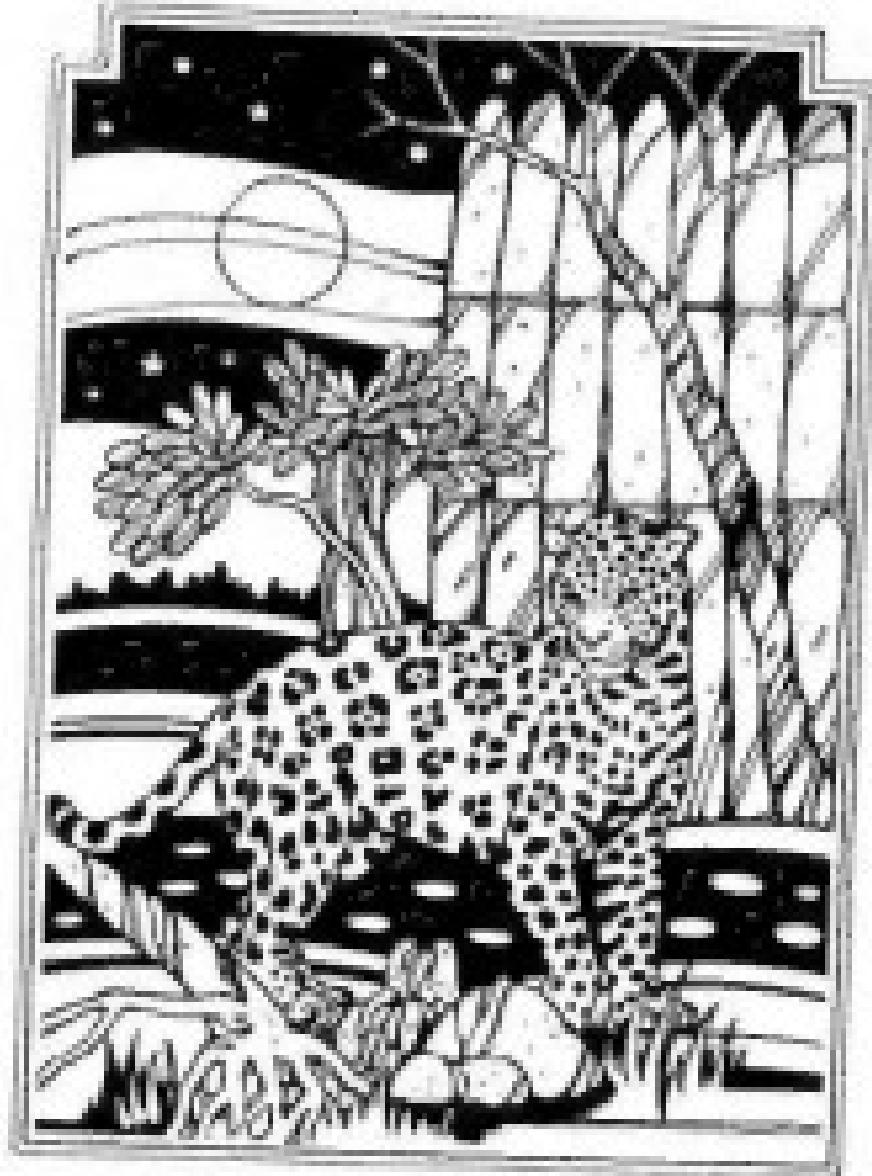
O FILHO DO GARIMPEIRO

A margem dos rios diamantinos, isso é, daqueles em cujas águas existem diamantes, reinam-se homens audaciosos e aventureiros animados por um grande sonho: o encontro de pedras valiosas.

Quincas Venâncio era um desses garimpeiros. Llevava uma vida de pobreza, vida difícil e sem conforto, em seu rancho humilde, mas uma esperança enriquecia-lhe o coração: um dia — e quem sabe não cataria perigo? — um achado precioso o arrancaria daquela miséria. E então haveria de bens e de sacrifícios corajosamente lutas! Vira chegar a vez de muitos competidores. Outras veriam chegar a vez!

A fortuna podia demorar um pouco, mas sempre viria. A sorte experimentava a paciência dos garimpeiros; as compensações que oferecia, porém, pagavam tudo. O que era preciso era trabalhar continuamente, sem descanso. E Quincas Venâncio era persistente.

Trabalhava no Rio Poxoma e morava com seu filho Quinkum perto da mata virgem, tão profunda que, à noite, ouviam miados de onça rondando o cerrado, que era feito de grossas pedras bem secas e fechado por cima como uma jaula.



Mosaram las penas de esta virgen, que lleva en su
corazón milagros de naga devolviendo el amor.

Certas noites, o ameaçamento da "pintada" punha os cães, e vacas, bezerros, cavalos, cabritos e galinhas farrando um alarido medonho. Quincas Vendelino abria crista a jangada e dava tiros de carabina para o ar, assustando a fera. Tudo silenciava a seguir e os animais reposavam tranquilos até amanhecer.

No cerrado, apesar de coberta de capim, pai e filho se sentiam seguros. E o menino se acostumara, de tal modo, às visitas noturnas da "pintada", que se isolava na noite ao curvar o mato, à distância, e avisava o pai:

— Pai! Ai vem a galinha!

— Dávnia sonhando, meu filho. Não tenha medo que aqui só não entra, respondendo-lhe o garimpeiro, enquanto examinava os cristais que colhera durante o dia, mergulhando no Rio Paraguaçu.

Quinquim vivia risquinhos tentões do Mato Grosso desde os trinta anos. Aos sete, perdeu a mãe, de uma febre galinheira. E sua vida mudou muito! ela lhe contava centenças histórias serôncias e o embalava com cantigas tapajósas, de que ele gostava imensamente.

— Mãe, cante aquela ali sempre dorminhoco, ela pediu, assim que as pálpebras pesavam de sono.

E ela, balançando-lhe a rede, cantava nessa voz doce e sonolenta:

— *Araújo, quer
Ariúpoé! Ia-vou...*

Repetia o canto, cada vez mais baixinho, até que a noite adormecia.

Mas o que lhe causava maior prazer era ouvir as lendas e histórias tapajósas. Nunca se cansava da história da filha da cobra-grande, que mandou buscar a noite na casa de seu pai; da curuxam que subia ao céu nas noites de uma andorinha; dos macaquinhos da boia preta, que nunca耽ivava tempo para fazer suas casas;

da noite que queria a estrela da tarde, para brincar com elas.

Com a morte do pai, Quinkim entristeceu e ficou melancólico. Todas as noites chorava com medo de dor, sentia falta de seu carinho, de suas cantigas doloridas, de suas histórias maravilhosas.

Quincas Verlúcio tudo fazia para alegrar o filho. Levava-o todas as manhãs ao rio, onde inúmeros garimpeiros trabalhavam com ele. O roraima ficava entediado, vendo aqueles homens valentes e ambiciosos à cata fértil de diamantes, no leito profundo das águas. Mas o que mais o impressionava era ver o pai meter-se dentro de um escafandro e mergulhar em algum poço de rio. Naquela vestimenta impermeável e frouxa, com bolas de grossas telas de chumbo, couraça e máscara de metal, parecia um verdadeiro fantasma... E Quinkim ficava pensando na curiosidade que deviam ter os peixes, diante daquela homem estranho, que tinha quatro janelinhas envidraçadas na cabeça, por onde podia espalhar...

A princípio tinha medo que o pai morresse afogado. Quincas Verlúcio, porém, explicava-lhe que dentro do escafandro não entra água e por isso o escafandrista não se afoga. Mas poderia morrer adentrado a bomba, de repente, danasse de funcionar. Essa bomba, instalada à margem do rio e ligada ao escafandro por meio de um tubo, é que fornece ar ao mergulhador; seu trabalho, portanto, precisa ser regular, constante e dirigido por um botãozinho de confiança.

Distraindo com o perigoso trabalho do pai, Quinkim se portava, durante o dia, como um verdadeiro homem. Andava de olho para lá comandando com os garimpeiros, animando-os, chamando-os por apelidos engraçados, e encorajando os alegres soligos a cantar. Pareciam com aveia de aveia que eles lhes traziam sempre estavam de volta à boca d'água.

Com sua alegria e graça, conquistava o coração de quase todos homens em família, que acabavam querendo-lhe bem como a um filho. E não sabiam trabalhar sem a sua comparsia.

A hora da noite, voltava com o pai para casa e já não era o mesmo: tinha medo de sombras, via jaguetes recordados nas noites e o pai da suíte da parcia um chameado de alma do outro mundo.

— Que é que você tem, meu filho, que anda tão medroso? Você nunca foi assim, disse-lhe o pai, impressionado.

Mas Quirquin também não sabia explicar. Ele em casa, seu nervosismo piorava. À hora de dormir, chorava sempre de cortar o coração. E muitas vezes despertava durante a noite, assustado, gritando pela mãe... Quintino Venâncio não sabia mais o que fazer para consolar o filhinho... Perdia horas de sono pensando num meio de curar o menino de quase todos os medos... Superstição como era, acreditava em mazelas-olhados, quebrancas e outras fantasias populares. Quirquinha era, para o turtanejo, o garotinho mais esperto e bonito do mundo! Ele poderia estar sofrendo em consequência da fúria de alguma pessoa irracional, ele pensava.



II

A PROFESSORA BORGES

Certo dia, um mergulhador chamado Chico Perné disse a Quincas Vendação:

— Você é um homem de sorte!

— Não sei por que diz isso. Só tenho achado diamantinhos da paixão valor. Você, sá, é que já apurou dois diaqueles assazinhos como figas de quarentena... respondeu Quincas Vendação.

— Que adiantou isso? Não tembe filhita, viva nozinho neste mundo de Deus! Ao passo que você tem um filho que é uma graça, corajoso e alegreíso como um periquito-ver!

Quincas Vendação soltou um suspiro e respondeu, olhando para o filho que fazia uma força danada, squietando a bochecha de ar:

— Ah! meu amigo, você tem razão. Quinquim, não é por ser meu filho, enche a vida de gato. Mas só é alegre de dia. De noite entraço e chora como um urubu agourento...

— Por quê? indagou Chico Perné, admirado.

— Sei lá! Talvez vividece da noite... Desde que ele nasceu que ele chora assim.

— Sente falta dela, costela! Carinho de mãe não tem igual neste mundo. Quantos anos ele tem?

— Está beirando os sete.

— Então, está no ponto de ir para a escola. Quem sabe se não é isso que está lhe faltando? Precisa com-
panheiros da sua idade para brincar e uma boa profes-
sora para ensiná-lo as primeiras letras.

— Mas onde?

— Na Vila de Poxoréu, continua Chico Pongá,
há uma professora que nasceu bugre mas entende melhor
que muita gente branca!

— Não acredito. Para mim, bugre e bera são a
mesma coisa. São tristes e nenhuma delas aprendeu
nada.

Vou dizer isso porque não teve encontro com Indianos
e não conhece Joana Berora. Não sabe que coração
tem ela! Quanta bondade e que salvedor!

— Já ouvi falar nessa Joana Berora, educada
pelos missionários desde menina. Mas nunca a vi.
Quando veio à vila é sempre de corrida.

— Pois é pena. A escola de lá é um pouco retrá-
dida e ela não tem tempo de passear pelas lojas. Está
sempre ensinando: de dia às crianças, de noite os maiores.
Não faz outra coisa. Também sua fama já
chegou a Coiti, a Cachoeirinha, a Santo Antônio do
Rio Abaixo e não há de esperar muito para chegar a
Cuiabá.

— Será que ela dáva um jeito na tristeza da Quin-
quim?

— Na certa.

— Qual! Deveido muito!

— Não quero experimentar.

— Está bem, Chico Pongá. Vou seguir o seu
conselho. Esse domingo darei um pulo a Poxoréu, com
o meu garoto, à fina de conhecer Joana Berora, essa
princesa nascida no mato... Se você está diante a
verdade, deixarei o meino com ela.

— Vai mesmo que não se arrepende...

— Vai me custar muito, mas já que é para o bem deles... , concluiu Quincas Verlúcio, prevendo a tristeza de seu rancho, com aquele companhinhos preciosos.



III

A DOENÇA

NA manhã seguinte, em um sábado, Quincas Verlúcio despertou muito cedo. Como de costume, apontou o café e tentou de acordar o filho que dormia à sono solto, todo encoberto na rede:

— Acorda, Ostenta! O café já está pronto!

Mas o menino deu um gemido, encobriu-se mais e não atendeu ao pai. Este, desconfiado, passou a mão pela testa do filho e marmarava apreensivo:

— Está com um febreiro! Será que ele apertou a maldita geladeira?

Dizendo isto, apanhou uma caneca de café, cortou um pedaço da angu de fubá e veio oferecer ao filho, sacudindo-lhe ombros:

— Você hoje está doentinho, Quincas. Olha aqui o café!

Mas qual! Ele nem dava jeito de si. O pai, apurado, sacudiu-o com mais força até que ele se esti-

cos, dando um gemido, e abriu, por fin, os olhos. Quincas Venâncio apressou-se para insistir:

— Levante, Quinquim, está na hora! Vamos que hoje você está só a nadar e a mergulhar.

Por um momento, o sonjão daquele convite fez brilhar os olhos de Quinquim. Logo, porém, lembrou-se novamente, manchado com uma voz cansada, diferente da sua:

— Agora não, pai, eu devo dormir mais um bocadinho.

— Você está doente, filho? perguntou-lhe Quincas Venâncio, passando-lhe a mão pela cabeça, carinhosamente. Sente alguma dor? alguma aflição?

— Não, pai; não sinto nada. Mas tenho sono... explique o motivo. E dando as contas, encalhou-se outra vez e continuou a dormir.

Quincas Venâncio tomou o café preocupadíssimo. Não podia faltar ao trabalho. Mas também não podia levá-lo e mesmo a acompanhá-lo, visto que estava indisposto. Que fazer? Não havia outro remédio: acordaria-o sózinho em casa.

Foi de onjão cheio de angústia que formou essa decisão. Era a primeira vez que acontecia isso. E só Deus sabia quantas vezes teria de acordar o menino, enquanto não tivesse alguém para tirar conta da casa da sua residência. Sua dura profissão só lhe permitia ficar no rancho quando o filho adoeceasse, ainda mais porque de seu trabalho dependia o trabalho de muitos outros. E, entretanto, Quinquim era muito pequeno para ficar sózinho por aquelas paragens tão cheias de surpresas e perigo.

Mas não havia tempo a perder: arranjou no armário o seu almoço, preparado de véspera, e foi despertar Quinquim de novo, batendo-lhe muitas recordações:

— Meu filho, você está com bonitinha hoje porque não tem dormido direito estas noites. Então

durma bem cedo. Quando tiver forte, levante que seu almoço está pronto. E se tirar das pescas. Está curado?

Quinquim olhou o pai, apertando os olhos, e respondeu bocejando:

— Estou, pai.

— Então está bom. Fique quietinho, descanse, que eu queria, na volta, encontrar você só. Eu repetiu, sorrindo para o filho: sáenzinho, sim? Nada de doenças, entendeu?

— Entendo, pai, respondeu Quinquim.

— Pôa, então só de noiteinha.

— Até, responderei o mesmo em voz muito baixa

Quincas Venâncio fez, até a porta, semba o coração apertado; e voltou de novo para parte da rede, para explicar ainda:

— Escute, Quinquim.

— Estou escutando.

— Vou fechar a porta e botar a chave por baixo. Quando eu voltar você abre pra mim?

— Abro, sim.

— E olha, outra coisa: não abra a porta para ninguém, viu? Nem saia de casa. A "partida" também roda durante o dia, quando está com muita fome... E você sabe que ela é muito astrevida!

— Sim, pai.

— Até a volta, então.

— Até a volta.

Quincas Venâncio adotou-se com pressa: saiu, fechou a porta por fora, passou a chave por baixo conforme combinara, e ainda parou um momento pensando que outras recomendações podiam fazer ao filho. Não lhe ocorreu mais nada e se absteve, de alma aliviada, a caminhada de Ibirá Passou.

Dentro do rancho tumultuado e sem confuso, Quinquim fechou os olhos e adormeceu de novo.



IV

O FELIZ ACABADO

Quincas Venâncio trabalhou com o escalfandro a manhã toda. No fundo da corrente, estava esfocado, mas seu pensamento estava no filho, cujo vulto, encoberto na rede, não lhe saía dos olhos. Que tinha o veladão? Já estava de píl? Como se sentira quando?

Certa das dez horas, voltou à casa para almoçar. Encontrava Chico Pongi e Irmão. De longe, Chico Pongi desconfiou e veio comer o bife a seu lado. Os parimpelos já haviam notado a ausência do menino, mas não sabiam o que havia. E Chico Pongi queria indagar dele. Por isso perguntou, sem entrar logo no assunto:

— Que tristeza é essa, Quincas Venâncio?

— Estou sem sono, Chico Pongi.

— Não dê mais pego a Deus! Basta pensar no filhinho que você tem para não poder falar assim.

— Pois é por ele mesmo que eu digo. Imagine que amanhã veio com febre e quero de deixá-lo sozinho. Bem só como vai se arranjar.

— Ora, febre em criança é coisa comum. Passe da noite para o dia. Amanhã estará bem.

— Acho que sim. Mas é que ele ficou só. Estou preocupado.

— Outra bobagem. Seu filho é um homenzinho, já sabe bem o que faz. Se fosse outra menina não diria nada. Mas Quincas pode ficar só com jongo. Não se preocupe. E agora, mudando de assunto, seu mergulho rendeu hoje?

— Não. E o seu?

— Somente essas "toranas" nem importavam um "Tejo", um "ovo de pomba", dois "lacos" e três "arulinhos", espalhou Chico Piquete, empurrando pedras de várias cores, chamadas "cordões" dos diamantes porque às vezes são encontradas onde elas caíram.

— Eu nem lhe falei assim essa "provação" queve, para consolar.

— Não importa, Quincas Venâncio. Nem sempre essas pedras lindas querem dizer que há diamante por perto.

— Isso sei eu. Mas, de qualquer forma, essas pedrinhas pontudas, como essas que você achou, comolvem a gente e dão esperanças de encontrar um grãozinho da primeira água!

— Qual! Não perca a esperança. Vá mergulhando e catando. Quando menos você esperar, acha um e fica rico!

Quincas Venâncio havia acabado de fazer a sua refeição. Ergueu-se amilho e respondeu:

— Nesse caso, vou mergulhar de novo para ignorar o resto do dia, que hoje quero voltar mais cedo para casa.

Separaram-se. Quincas Venâncio meteu-se em seu escondendo e sumiu na sombra.

Ao emendar desse arco a José Piquete que tornava conta da bomba. Este pulou imediatamente o escondendo pela corda. Que teria acontecido? Quincas Venâncio costumava demorar mais tempo em suas pesquisas. A surpresa de José Piquete aumentou quando viu que o companheiro saía do aparelho plácido e satisfeito. E indagou assustado:

— Que é que houve? Estás tentando alguma cosa?

Quincas Veríssimo moveu a cabeça negativamente e apontando para uma vasilha em forma de bauê que tinha no colo, mal podia responder:

— Veja ai... no caldeirão...

José Piquete olhou curioso para o interior da vasilha que continha a coleção de cravais, trazida do fundo do Rio, e exclamou, entusiasmado:

— Viva Deus! Você está rico, Veríssimo! Nunca vi tanto diamante justo!

— Não exagere, Piquete. O que você vê ai são alguns diamantinhos pequenos, uns "tubos" de pouco valor. E o resto são cristais sem valia. Mas, olhe: há um que vai me dar bom dinheiro.

— É esse aqui, afirmou José Piquete, apontando um cristal de tamanho de um ovo de pomba e olhando-o contra o sol. Este aqui vale um milhão!

— Milhão de que, homem?

— Milhão de cravinhos! De que havia de ser?

— Você está sondando, Piquete! Você está sondando. Examine o diamante mais uma vez e acostume-se. É um diamante de valor, mas se vendê-lo, não alcança esse preço.

— Quanto aposta?

— O que você quiser.

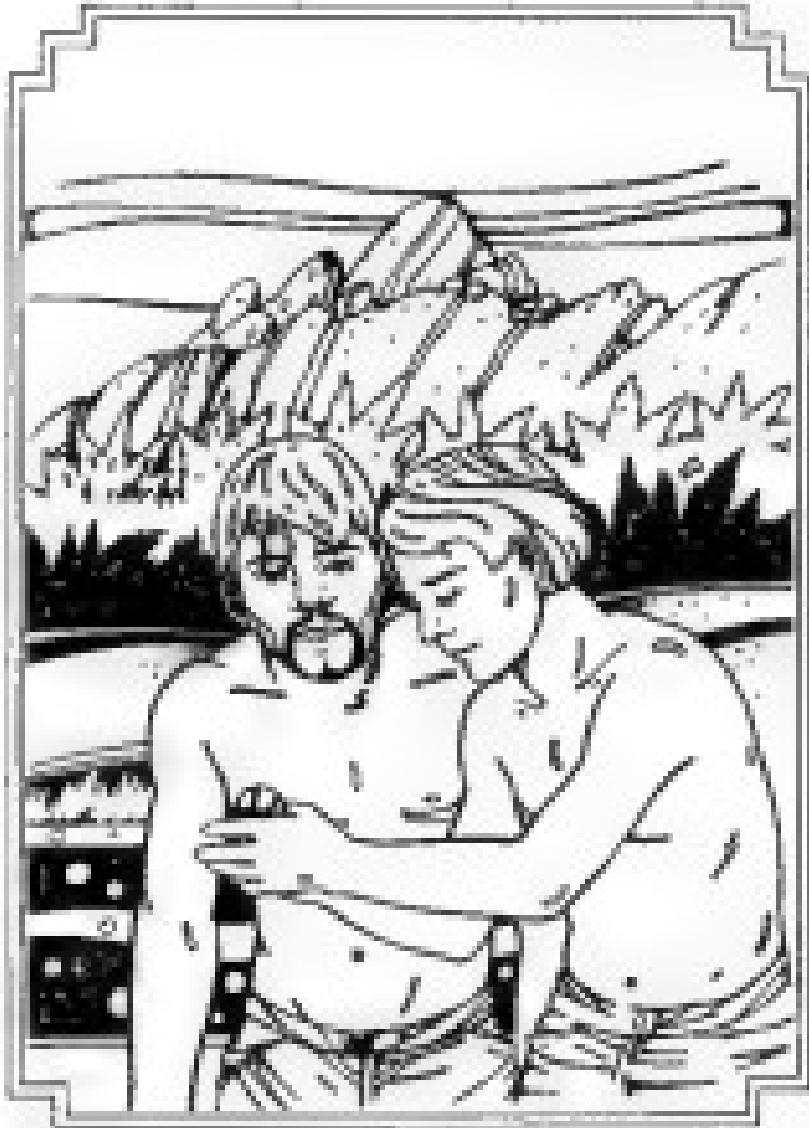
— Não, diga você!

— Está feito. Se este diamante valer um milhão, eu lhe darei, além da parte a que você tem direito, mais dez mil cravinhos. Pachado?

— Pachado! concordou José Piquete, cheio de alegria.

E partaramos a todo alento.

A conversa foi tão alvorocada que atraiu outros pescadores, mergulhadores, bombeiros e bateladeiros. E em pouco, todo aquele bauê de mercadorias carregava, em número de cinqüenta, estava festejando a feliz descoberta de Quincas Veríssimo.



Our Papers exclusive publications. Read and use.
Everyone's Library in your exclusive paper!

Chico Pompéu foi o primeiro a examinar a pedra preciosinha e a dar um apertado abraço em seu amigo, perguntando-lhe:

— Eu não lhe disse, Venceslau, que você era um homem de sorte? E que sorte! Com esse diamante você não precisa mais morar viva palha! Pode doerir seu segredo e criar o Quinquim na Capital.

Quincas Venceslau não respondeu. Todos queriam abraçá-lo, examiná-la pedra, tocar na mão dele para "pegar" sorte... Adalal, um dos mais entusiasmados com a extraordinária novidade, exclamou concordando o grupo:

— Vamos a Pozosso festejar o nascituro, que o dia de hoje já está ganho!

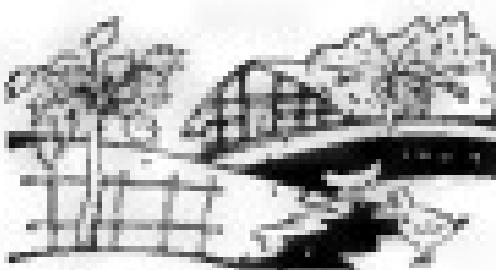
— Vamos! concordaram todos, dando risos de carinha para o anfitrião.

— Mas eu, infelizmente, não posso, explicou Quincas Venceslau. Terei que ir ver Quinquim, que deixei em casa, doente.

— Pois então só vé-lo. Se ele estiver melhor, vamos levar-lo também, porque a festa é dele, disse Chico Pompéu.

— Vá, instaria Paquette, que nós o esperaremos aqui.

Quincas Venceslau colocou os cristais numa capaço, uma bolsa de ouro que costumava trazer a tiracolo, e partiu para casa correndo, mas não tão depressa quanto sua vontade desejava.



V

MISTÉRIO!

Quincas Venâncio viajava batendo a serra pela boca, mas só parou de correr quando chegou ao terreno de casa. Tinha pressa de ver o filho para saber de sua saúde, mas estava também ansioso para dar-lhe a boa notícia! As preocupações com que saíra pela manhã mermaram-se agora com a alegria que lhe trazera aquele achado precioso... De longe, porém, observou que a porta estava aberta e a porta encerrada. E pensou: — O garoto não desobedeceu, abrindo a portal! Em todo caso é usual de que já está bem. E entrou pelo varanda, chamando-o:

— Quinquim! Meu filho! Estamos ricos! Achei um diamante grande, de primeira água! Um banhão!

Enquanto falava, percorreu a pequena morada e não encontrou ninguém. Sobre o fogão de tijolos via as panelas roxetas; destampou-as e, pela quantidade de comida, verificou que o filho almoçara com bom apetite, o que lhe causou prazer. Mas era preciso conhecê-lo o quanto antes. Quincas Venâncio foi ao armário; procurou-o depois pelo pátio, pelas guacavinas que havia nos fundos da roça, gritando sempre:

— Quinquim!... Quinquim!... O Quinquim!...

Nada! Ninguém respondia ao seu clamor. À tarde mesma, os pássaros voltaram aos ninhos e as ga-

lheus procuraram os polícias. Onde teria se escondido o garoto? perguntava a si mesmo, intrigado, sem saber nem horro. Ali! com certeza estava no corredor, brincando com o pequeno macacão que ele próprio Lúcioara. Este pensamento o encheu de esperança. Mas no coração não havia sangue; as águas deslizavam mansamente, só de quando em quando arrastadas pela viragem da banca. O silêncio era quase absoluto. Quincas Vendinha estava sozinho, sem saber o que fazer. Chaves, chaves e chaves... Nenhuma resposta! Das bandas nem moças de "tua branc", discutindo que o filho se considera por brinquedo. Só conseguia esquadrar "almas-de-gato" que fugiam num voo rasteiro, saltando pelas laranjeiras, para ir possuir os morros mais distantes.

Foi, então, que De escutou uma idéia aterradora. O filho podera ter entrado pela mata, afast de algum passageiro, e a temer a "pintada" o menino, talvez, surpreendido. Quincas Vendinha não fez para alistar esse horário perturbador, mas não o conseguia. Correu, crito, impetuoso, para casa, apagou a candeia que estava pendurada à parede, coloca o cunhalão de balsa, fechou a porta e entrou pela mata, girando pelo lado. A madeira que penetrava, porém, o encundado a surpreender e em breve parou num mato faldado. Fazendo portas-via com as palmas das mãos, o pai, afiou, gritava:

— Quinquim!... Quinquim!... O' Quinquim...!

Sua voz rebocava por entre os troncos. Ele vez em quando, parava um instante, na mesma espera de uma resposta, uma guerra, um pensalo, qualquer sinal extra de que o filho ainda vivesse. Em vão! Só esquadrava beirais e ásas e saímentas de vento, nas folhas.

Desesperado, Quincas Vendinha voltou atrás, trouxe o cunhal e aberto marrador, bateu-lhe os braços, roeu-lhos e partiu a galope na direção do Rio Parana.



VI

O RAPTO

Os garimpeiros o esperavam à margem do rio. E assim que o viraço spondiz na praia, sacaram as armas e o saquearam, segundo o costume, com um ritmo cerrado para o ritmo.

— Viva Joaquim Veríssimo! gritou José Piquete.

— Viva o nosso milionário! bradou Chico Pongá.

E novamente descarregaram as armas. Mas qual não foi a surpresa de todos quando esperaram na expectativa de desaparecimento de Quincas Veríssimo! Fez-se um silêncio geral. Foi quando, soltando os rôlos do animal, ele subiu aos companheiros numa voz suada, cerrando os dentes:

— Meus amigos! Acostumem-se com grande desgraça!

A noite fechou-se em torno dele. E perpétuas choveram de todos os lados:

— Perdeu o charrete? indagava um.

— Quem é que perdeu? interrogava outro.

— Encantou a moça devastada? quis saber um terceiro.

Quincas Veríssimo encobriu a cabeça e suspirou:

— Mil vezes pior que tudo, perdi meu filho...



È essendo un docente, Pavlidou ha ben compreso che
tutte le ampiezze! Adattandosi alle diverse

— Querida?" perguntaram todos à vez vez.

— Sim, respondeu simplicemente o descolado pai.

— Mas como? Que horas? Tive um ataque de... leber? Perdeu-se? integraram de todos os lados.

Quando Verâncio, porém, fala gestos indistintos, demonstrando não saber explicar, o que dava a impressão de desmaios ou desmais paroxísmos. A muito custo, no entanto, contou com voz trêmula:

— Não posso dizer o que horas, nem como foi. Só sei dizer que desci e meirei na rede, adormicido, perresquei, cia manhã, e agora, ao chegar em casa, encontrei a porta aberta e tudo dentro. Chamei por ele e nada. Saí, procurei-o por todo a parte, no jardim, no corredor e até dentro da mata e nem sombra dele!... Não sei que lhe o confidência leveu.

Chico Pongá, animado como sempre, tentou reanimar o amigo:

— Não fale assim, Quico Verâncio, que seu filho agüente de uma hora para outra. Com certeza, ganhou e travesso como é, foi dar um passeio e encontrou alguém que o levou à vila. Você sabe que ele é conhecido e querido de todo mundo.

— Não pode ser, Chico, adormecido não pode ser. Infinitamente hoje pela manhã recomendou-lhe que não saísse nem abrisse a porta para ninguém. E ele é mesmo obediente.

— Mas você encontrou a porta arrombada?

— Não.

— Encontrou alguma sinal de violência?

— Não. Assi a chave ainda estava na porta.

— Estava? E do lado de dentro?

— Do lado de dentro.

— Então? Não digo que foi o mesmo? Olha, ele abriu a porta e saiu. E se não foi para algum lugar onde, na certa, está escondido.

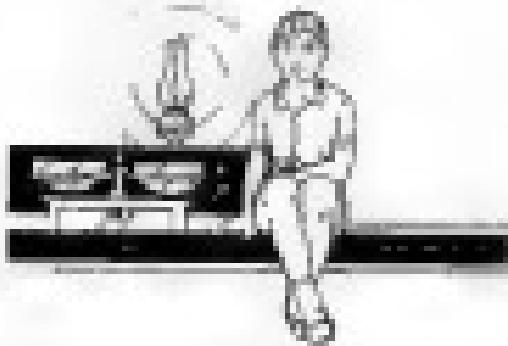
— Encontrado?"! Isso a "pintada" o pegou" indagou afliito Quico Verâncio.

— Deias de estar pensando em bobagem. Se da pegada: Quinquil, então não deixaria assim? Pelo menos sempre havia de haver pelo terreno. Não pensas mais nisso. O que precisamos fazer é procurá-lo antes que chegue a hora. E, voltando-se para os companheiros, Chico Pongi conclui:

— Comandada! Temos que ajudar o amigo Quintino Venceslau. Vamos juntos procurar nosso Quinquil?

— Vamos! concordaram os garimpeiros, sem discusão.

E assim aquela bonita, que se dispunham a festejar, em conjunto, o achado de um extraordínario diamante, uniram-se para auxiliar seu pai extremoso a provarer o seu lhe perdido.



VII

NA VILA DE POXOREU

QUINTINO VENCESLAU chorava de gratidão, diante da solidariedade de seus companheiros de trabalho. E mais tocou o animal. Chico Pongi, porém, era homem de iniciativa e tinha de levar adiante o seu plano. Poi, assim ordenou:

— A caminho da vila! E, voltando-se para elas,
compreendendo:

— Tóquer! Quenca Venâncio! Vai na frente que
nós vamos aguentar a nova mentira e o abusão
logo.

E assim foi feito. Quando Quenca Venâncio en-
trou na vila de Pirenópolis, vendo os exequentes recebendo
o acompanhamento.

Era quase noiteinha. Os poucos habitantes
da vila, no entanto, não se haviam recolhido as suas
casas, estavam atropelados pela rua principal, dante
do arranjo de um antigo quiosque, chamado Foco
Mauá. A casinha vermelha era alargada seguidas
de divisões que a separava do local da aglomeração, ba-
tendo, com exceção, as ferraduras nas pedras do
cimento. Quando os exequentes da vila se voltaram,
surpreendidos, já Quenca Venâncio e seus acompanhantes
arrancavam e amarravam os animais e alforrias de ferro,
mordidas na calçada ou em preparos rústicos, e
penetravam no reduto armados por informações e in-
vocações. Fazia tempero de quinquilheira, colorido em
cima do telhado, fumegando. As fumacetas despeda-
çavam fumaça turva. Um rangido de caxaca. Foco Mauá fa-
lava tão alto que parecia discursar. Mas, à chegada
dos cavalinhos, finge silêncio. Passado um momento,
pôrca, encostecendo Chico Pongá e os demais compa-
nhantes, o convidante perguntava-lhes:

— Então já sabem da desgraça acontecida,
não é?

Chico Pongá, percebendo que necessitava qualquer
cosa que elas ignoravam, responde:

— Que desgraça?

— Poxa Isaura, a moça de novos filhos,
foi hoje raptada pelos traidos Xavante!

Houve um suspiro de assombro entre os cavalhei-
ros. E Chico Pongá, compreendendo o que se passava
com Quenca, olhou para Quenca Venâncio com uma

expressão de piedade. Como se tivesse havido transmudado de pensamento entre os dois amigos, Quincas Verlúcio o eliou no mesmo instante e falou, desmaiando:

— Ah! agora já sei o que se passou com meu filho! foi, também, raptado pelos índios!

Enfim, não havia faltado muito alto, todos se uniram a uma nova amargura contagiada a solidão. Nico Mancos não se abalhou e perguntou:

— Seu filho desapareceu?

— Sim, confirmou Quincas Verlúcio, no topo da alegria.

— Então, não teria dívida: teve a mesma sorte da metade! disse o comendante.

Mai Chico Pongá queria esclarecimentos sobre o que acontecera na vila. E indagou:

— Como foi o caso de Joana Boera?

Nico Mancos pôs a mão sobre o ombro de um menino que estava ao seu lado e informou:

— Meu filho é que subiu como a coisa se passou. Estava na sala, quando se deu o ataque, e chegou aqui que bem podia dar palavrão, de tanto correr! Voltando-me, entendo, para a menina, acrescentou:

— Conheça, Antoninho, e que você viu, aqui para me aconselhar...



VIII

O SACRIFÍCIO DE JOANA BORGES

ANTONÍNIO dou um salto para cima do balcão, sentou-se de pernas cruzadas, beijou um prece, olhando cientes aquelas fisionomias, fatigadas pelo trabalho e pela emoção, e começou a contar:

— Não estava no clube quando uma cópia que D. Joana trazia para casa. Eu queria a porta da ligar e pôs para fazer outra. Nesta caxi um assento bonito, desarrumado, seguido de um cimo de jardim e me lembrei para engraxar a matéria da jarda dos fundos. Olhei, tornei a olhar, mas quem dei que eu descobera o jardim. Continuei a fazer a porta sempre olhando, e nadai lá. Continuai a fazer a porta sempre olhando, e nadai lá. Voltei para o banheiro, quando escutei metro assobio de fundo, fui para o banho e descobri engraçado, três cores de fundo entre as rochas, espalhando a escória. Pusque fui só ai perceber muitas outras cores espalhadas pelo metro. Declarrei meu amor, voltei para meu lugar e chamei a mestra!

— Chegue aqui depressa, D. Joana, para ver meu trabalho.

Ela se aproximou e eu lhe disse com voz bassa, para não captares a classe:

— Mestra, há indios no metro, espalhando a escória.

- Tem certeza? indaga ela, também em voz baixa.

— Tenho.

— São muitos? perguntei ainda.

— Que nem fotografado, respondi.

Vi que o resto dela ficou transtornado, mas não perdeu um momento, sentou-se no meu lado e avou a classe, ditando:

- Escutem bem o que eu vou dizer e façam logo o que eu mandar. Antesinho acaba de ver índios rondando a escola, do lado da mata.

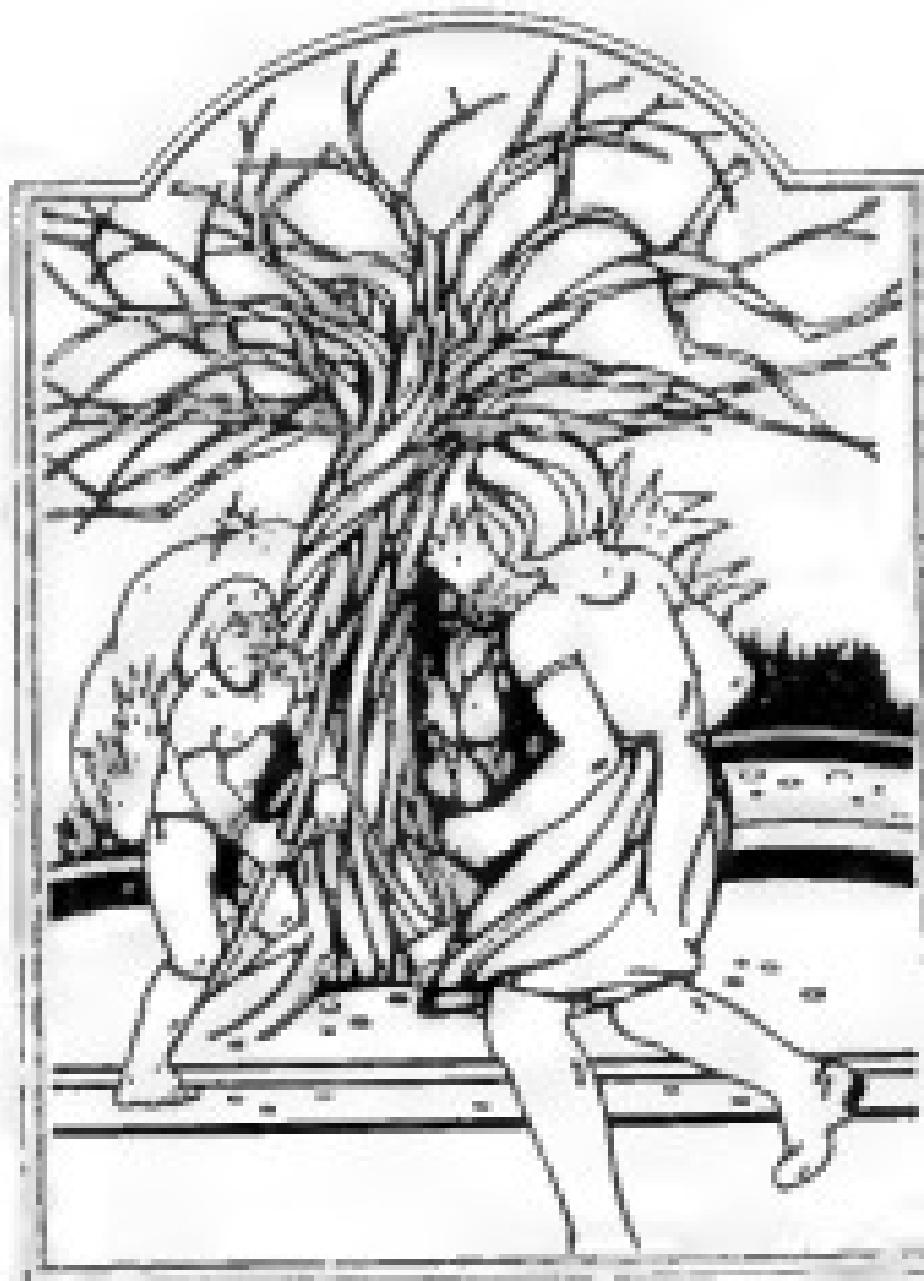
Ai alguns meninos começaram a falar, mas ela não deixou dizerem nada, explicando, sarcásma:

Calem a boca e escutem o que eu digo! Estamos comendo prato de ter mistério. Mas se vocês me obedecerem, saibem sobreia coisa alguma. Vão procurar pegar os cadernos nem malas. Ajustem entre as carteiras para que eles não vejam vocês e pensem que é essa de caca-dezaria. E vão sairão, de quatro, pela porta da frente, sem barulho, em átrio do outro, depressa! Não fui contar o mal que poderem, mas tem gritaria. Mas dava um pou'! É pra mim que eles não percebam que eu já estou fugindo. Assim que chegarem à sala, peçam desculpa para mim! E agora não! Depreva! Não percebam o risco! Eu garanto que a vocês não há de suceder nada!

Naj a mesma arabesco de falar, salvo de gritinhos da sala, abrigaramos a porta da frente e devolvemos a chave para a sala. Eu estava quase aqua, quando entrei um grande alarido de gritos e trepando mureta interna, corri para o lado da mata; foi quando vi nossas moças correr na direção das matas onde aparições em cores dos bugres e somos entre elas.

Antesinho estava ali só quando acabou sua narrativa. «O pa», então, retomando o fio da conversa, disse:

— O resto da história eu posso contar. Assim que os militares chegaram dando alarme, eu e todo esse



A professora correu no corredor das aulas para
entrevistar haver e desaparecer entre elas.

percebe que aqui está, entremos no sótão de Joana Boroni, mas não encontramos mais sombra dela nem sôbre indício! A escola estava abandonada, com as janelas e portas abertas, os cadernos dos alunos nas carteiras, iluminadas pela lâmpada adentro, mas, por mais que procurássemos, não achamos nada que indicasse o rumo que fizessem.

Quem Vélinho interrogou, com desconfiança:

— Pelo visto, sua Boroni estava era confundida com os bugres, que são gente dela.

Todos protestaram. E Nino Manco respondeu:

— Não diga isso, seu Vélinho. Joana Boroni nunca faria uma cosa dessas!

— Então como é que correu ao encontro deles? Não se explica... —

— Pois eu explico, continuou o negociante. De trás a cena basta, só em um canto haja; e mostrou uma flecha empunhada que encostava à parede, acrescentando: as que constroem as armas dos indios sabem que esse tipo de flecha pertence aos Xavantes, que só vêm equipados para lá do Rio das Mortes, a mais de dez léguas daqui. E esses indios são justamente amigos dos Borom.

— Que diabo que a professora correu, por gosto, para a boca da onça? indagou Chaves Vélinho, sem compreender.

Está visto que outras, seu Vélinho, não sabe por quê? Para dar tempo a que os meninos fugissem. Se pode: ten tudo que sacrificou-se para salvá-los!

E, extraordinário! constituiram, no mesmo instante, várias garimpadoras.

Chaves Pongá perguntou, então, interrogador:

— E será que ela está cont' vida ainda?

Por certe que cura, disse Nino Manco, os Xavantes, quando querem matar alguém, não fazem cerimônia, no mesmo lugar em que aprisionam, prendem a pessoa bordada na catinga da vila e, como lembran-

ga, deixam a arma de morte junto dela. Mas o índio não é sanguinário. Só ataca por vingança ou em defesa da terra, quando sofre alguma injustiça. Demais, nós percebemos as peças da morte e não vemos nenhuma agressividade. Olhe esta flecha não foi usada. Alguns deles a deixaram cair ao retirar-se.

Quincas Vendício, pensando na sorte do filho, que devia ser bem parecida com a da professora, ainda perguntou:

— Mas se eles não a mataram, que pretendiam fazer com ela, seu Níco?

— Mesminha prisioneira, torná-la escrava, para se vingar dos brancos e dos Barroso que são seus inimigos.

— Precisamos libertá-la, uma coisa me diz que, onde ela estiver, está lá o meu filho.

— Não só libertá-la. Ela era o que estavam combinando. Quase todos estes homens têm filhos alheios de Joana Barroso. Nossa estima por ela é um fato. Nenhum de nós se negará a qualquer sacrifício para mandá-la de volta.

— Pois então, por que estamos perdendo tempo? Vamos embora!.., animou Chico Pongá.

— Vamos embora, repetiu Quincas Vendício, procurando a saída da loja.

— Calma, seu Vendício, ponderou Nino Mano. Precisamos armarmos primeiramente; precisamos preparar-nos para uma longa viagem, pois sabe Deus onde iremos encontrá-los!... Esta madrugada, partiremos. Combinado?

— Combinado! responderam todos os presentes que se dispersaram, em grupos.

Pela madrugada, com cavalinhos, armados e com farra provisória de alimentos, partiram na direção do Rio das Mortes.



IX.

NA TARA INIMIGA.

Tais dias depois, na aldeia dos índios Xavante, escondida nos confins da Serra Azul, à margem do Rio Nordeste, afluente do Rio das Mortes, houve, no verão da tarde, um trabalho de festa; o qual chegava em grupo de índios, trazendo dois prisioneiros: Jesus Bonito e Quinquim.

Azata chegou primeiro, vinha amarrada pelo nariz e pelos punhos a uma forte madeira. Caminhava só por lepas e lágas rasgadas pelos indígenas. Durante todo a penosa jornada, finguia que não entendia a conversa deles. Mas compreendendo tudo! Quando menos, queria falar vários dialetos indígenas, inclusive os dos diversos amigos de sua gente Bozora. Ela grunha a falar, finge sabendo que a intenção dos Xavante era atirar gente branca para fazer-lhe guerra, em nome da floresta, antes que fosse descoberta a estrada da fuga. Acreditava ou acreditava que lhe davam a dormir quando estavam dormindo. Em suas velas noite também sempre elas fugiram e que lhe dava certamente resistência para a caminhada e uma coragem invadida?

Quinquim chegou depois; vinha desmuntado de cima baixo e metido, dentro de um boquim, uma espécie de

estece compido, preso às costas de um pesante Xavante.

Ao entrar no terreiro da tâba, libertaram Joana da corda que a manietava e tiraram o manto do bagué, como se tira um frangalho de um jacá. Largaram-no chão no solo, estendido como morto. Só ai Joana descolou que havia sido um prisioneiro e seu coração bateu descompansado... De onde estava, não podia ver o rosto do garoto e vira direita para o lado trazer: estava ali, maltratado e faminto, um de seus pequeninos alunos?

Sem dormir, inúmeras malheurs aconteceram e se passaram a palhar em torno dela e da crúpula como um bando de galinhas assustadas, à volta de alguma coifa. Nisto o cacique, coberto de farasagens no rosto, no peito e nos braços, surgiu da oca cristal, esgalhou, com um arco, aquele bando de malheurs, e se pôs a falar com o índio do bagué.

Joana percebeu que o índio explicava ao chefe como apinhara o menino, quando dava milho às galinhas, no centro de sua casa. Como gritasse muito, tapara-lhe a boca e carregara-o para o mato, onde, no dia seguinte se encontraria com os outros do bando. Viu-a sempre varando por dentro do cerrado fechado, para evitar encontro com os braços.

Mas o cacique não estava satisfeito. E indagou, amaldiçoado:

— Por que não trouxeram os canudos da Borora?

Por esta pergunta, Joana verificou que eles conheciam a escola há muito tempo e haviam alçado com o piano de agitar os alunos.

O índio do bagué respondeu ao cacique que não havia curumim, que a oca da Borora estava vazia. O chefe indagou ainda:

— E que tem este ceramim branco?

— Gritos tanto que dormiu de gritar.

O cacique se abaixou, pôs a mão sobre o nariz de Quinzeim e afirmou:

— Não merece isso. Estai dormindo. Ii se voltou para examinar a professora. Jóana estava pálida e abalada de choque e cansaço. Mas olhou firmemente o cacique. Este achava-a bela, tanto assim que sorrira a elas na lingua geral:

— Cunhá jowá!

Mas logo em seguida caiu com despeito, engatou para o lado e disse:

— Onribengodique!

Jóana viu que ele não se enganaria, pois era impossível o justamente o nome nativo dos índios Bororo. E ele a desprezava porque os Bororo são pacíficos e amigos dos brancos.

— Que devo fazer com os prisioneiros? perguntou o índio do baúzé.

— Põe-as na sua vila. As nossas mulheres lhes darão alimentação e os obrigarão a trabalhar, de manhã em diaz.

— Mas o cacique, quando acordar, vai fazer um ferroiro enorme e à noite acabará sendo descoberto pelo malogó! capilou o índio que aprisionara Quinzeim.

Pois se ele gritar levantando para brincar com os brancos canários, e ele logo se acordar. Mas não é delira falar, considera o cacique afastando-se.

Jóana escutou também estas palavras, mas não deu a menor demonstração de haver ouvido nada. Continhou a olhar o chão em silêncio, embora tivesse angústia胸asse invadido seu coração.

É como lá era noite, os prisioneiros foram levados para a vila. Quinzeim não dava acordo da si.

Mal ficaram só, Jóana Bororo arrastou-se pelo chão e foi examinar, de pertinho, o rosto do menino. Era

pois os olhos se acostumaram ao escuro, e ela percebeu que sua compadecida era um menino descordejando e não um de seus queridos filhos. Deitou-se ereto no seu leito, na terra batida, e dormiu profundamente.



X

A PRIMEIRA NOITE

A Esta noite, Quinquim acordou, chorando e chagando:

— Miel! Miel! O miel!

— Que é, meu filho? Não chore que eu estou aqui, respondeu-lhe Joana Boaventura, com voz suave e carinhosa.

Quinquim não se expandiu de ouvir uma voz certeira de sua mãe, porque ainda estava tomado de sono. E pediu:

— Acenda o lampião, miel.

Como poderia Joana entender aquele pedido? Numa noite de fredo não há lampiões, e luz, na tribo, só a das fogacinas.... Sua inteligência, porém, dava um bocado para tudo. Por isso falou assim:

— Se eu acender a lareira posso acordar seu pai; ele está muito cansado e precisa ir cedendo para o trabalho. Vamos falar portanto bem baixinho!

Nisto Quinquim sentiu o corpo todo doído e percebeu que estava deitado no chão.

- Onde é que eu estou? perguntou apalpando seu torso. Por que não estou na rede?

- Você dormiu na rede. Mas tem um pesadelo grande...

Um pesadelo? Que é isso?

- Sim, um sonho ruim, com índios que o atacaram e o levaram prisioneiro, para muito longe... Isso tudo foi ontem!

Isso, sim. Um sonho horrível! Você gritava...

- Estou vivo para a rede de novo.

- Não, meu filho, respondeu Joana Rorora, se perturbada. Você já está dura vezas! Pique no chão desse sono sonha de novo, cui outra vez, e a nova queda pode ser de mau jeito...

- Meu meu corpo está todo doido.

- Eu não disse? Dois tempos não são brincadeira! Imagine agora um leproso! Diga a cabeça aqui no meu colo, que vou lhe contjar uma história.

E Joana Rorora não esperou resposta; tomou o menino nos braços e acocochou-o, maternalmente.

Que história vai ser? perguntou Quinquim, interrompendo o consolo com a curiosidade de Joana.

Vou que você ainda não confesse. Uma história de jabutis. Você se lembra das aventuras do jabuti?

Qual?... Aquela com a onça?

Aquela a qual matou?

A da aguata com o urubu?

Não... a qual matou?

Aquela com a aranha?

Não... E as outras?

A do caipora, a do tigre, a dos marmosets, a do...

Muitas histórias! Nâ sejo que você se lembra de tantas. Vou lhe explicar por que razão os índios

comodamente o jabuti o bicho mais esperto da mata e
esqueceram essa história tão divertida. Você quer
saber?

— Quero, respondeu Quinquim.

— Quem acha um jabuti pensa que ele é o animal
mais bobo do mundo, não pensa?

— Pensa.

— Mas nós sabemos que ele é o bicho esperto de
todos, não sabemos?

— Sabemos.

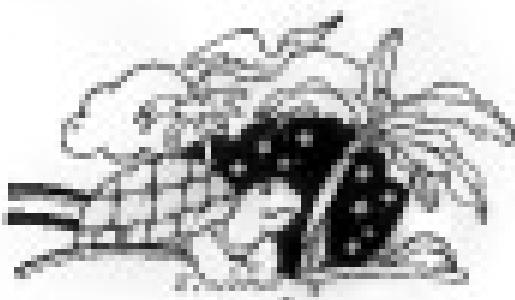
— Então por que você não? Você sabe?

— Não.

— É que antigamente os jabutis eram moldeiros
e bebinhos como parecem ser hoje. Mas um dia, nasceu
um jabuti que parecia igual aos outros, era, no entanto,
bom olhazinhas, muito curioso, perguntador e doido para
saber tudo. Era um bicho extraordinário e tinha o nome
de Carumbé — avisou Joana Borora, acomodando
melhor o vestido em seu regaço. É a história desse
jabuti que vou lhe contar hoje.

Quinquim sentiu-se feliz no acanhado esquedilho
que lhe parecia a de sua verdadeira mãe. E Joana
Borora, para lhe dar aquela tranquilidade, procurava
esquecer a dor que caía sobre a cabeça de ambos.

Quando checou o dia, o pequeno prisioneiro es-
taria em melhores condições para conhecer a dura ver-
dade; contava com sua alegria, teria confiança nela.
E tudo havia de parecer aos dois meninos terrível.



XI

A HISTÓRIA DE CARUMBE

E Juanca começou a contar:

— Carumbe nasceu à beira de um córrego, no fundo da floresta virgem. Era tão pequenina, tão paquena, que podia caber na palma da mão de uma criança. Mais parecia uma pedrinha, secura e chata, polida pelo velho contínuo das águas. Isso quando dormiu. A verdade, porém, aquela pedregalhão criava penas, batia e cebecinha para fôrça e se marcha em parte. Assim, porque o matumbuzinho era um andejo de fôrça malha e está para nascer menino-mai, curioso do que é.

Passou os primeiros dias de sua vida olhando as águas que corriam, corriam, sem nunca voltarem para trás. E aquilo o deixava intrigado! O zio zé morava no alto da montanha, escondido naquem buraco da terra! Por que então as águas nunca voltavam para casa, como ele? e vez quinzezesse lindos gâncios faziam, quando era hora de dormir?

As vozes evitavam o perigo e ficava olhando para si mesma. Contemplava as folhas do copado arroxado, que tapavam quase todo o sol e o céu azul. Cada dia as folhas lhe pareciam mais distantes, mais altas, sempre

subindo, subindo, cada vez de ver as novas de perto, tem medade da terra...

Se olhava em torno, via sempre os mesmos galhos, os mesmos troncos, os mesmos tipos enraizados, as mesmas raizes contorcidas. E gacha em sussulos de perguntas: Será que na terra só há árvores, árvores e mais árvores?

Oz meninos, porém, sabiam menos que ele nem se davam ao trabalho de responder. So queriam se divertir a catar frutos de tapetinha, marjar predileto de todos os canimbés. Mengalharam só lhe, nadavam à vontade e voltavam para a arca, onde dormiam boas noites, encobertos, na casca. Canimbi perguntava, perguntava, perguntava, e elas, risonhas Desesperado com o silêncio das irmãs, recorria a D. Jaboia, pedindo e pacientemente, mas sempre atarefada com as arranjos da casa:

— Mil, ó mil! Me diga uma coisa!

— Que coisa, Canimbi?

— Será que o mundo é uma floresta só?

— Você tem certa pergunta, Canimbi?

— Responda, mil, que eu quero saber. E eu

não é?

D. Jaboia rebola a cabeça fraca para pensar e ficava muito atrapalhada. Nunca lhe haviam falado assim, nem lhe passara tal coisa pela mente. Seus antepassados haviam nascido e vivido naquelas redondezas e seu mundo era aquela mata... Por isso tratava-se pouco, mas acabava engendrando:

— De certo que é!

— Então este mundo não tem fim? Indago dis-

— Tem sim, meu filho. Tudo tem fim.

— E no fim do mundo o que é que há?

— Nada.

— Nada o que é, mãe?

— Ora, meu filho, que pergunta! Nada é tudo...

... Ah! eu queria ir ao fim do mundo para ver "maldi" como é...

Bom de estar bobando, meu filha. Seja honesta comigo que não fizeste pergunta. Olhe Jabeti não precisa pensar... Vá brincar e me deixa sozinho.

Carambó ia, mas ia triste, porque não se conseguia em deixar de pensar. E tanto assustava que ia pensando:

— Se é para não pensar, para que eu fui a prole bem cabega?

Desde esse momento já não fazia perguntas nem ia mais falar aos livros, nem a si mesma. El passou um dia tentando de dar resposta a todas as suas dúvida.

Ora, uma tarde em que o céu estava ameaçando, ameaçando chuva, ele foi até à beira d'água, olhou para a outra banda e lançou essa pergunta aberta:

— Que haverei de ouvir lado de lá?

O vento não respondeu. Nisto, uma voz de taboca marchada pareceu zombar dele:

— Xai... xai... xai... xai...

Carambó voltou-se e deu com um grande sapo. Fazendo exclamações:

— É o sapo Xai?

— É... é... é... é... respondem o sapo com a mesma ironia.

Foi bonito o senhor apagar. Eu queria perguntar-lhe uma coisa...

— Que é?... que é?... que é?...

— E verdade que o senhor já ameaçou o mar?

— E... é... é... é...

— Então me diga: o que tem do outro lado é maldi?

— E... é... é... é...

— Só malto?

— E... é... é... é...

Enão conseguiu a chever. Carambó voltou desarmado para a toca, enquanto o sapo grande recomeçava sua cantilena:

— Xai... xai... xai... xai...

Joséia Barona ia continuando a história quando reparou que o menino dormia... A cantilena do sapo dera ótimo resultado. Por isso ela aproveitou o tempo para dormir também ali acomodada.



XII

A SEGUNDA MÃE

Quase o dia chegou. Quinquim abriu os olhos e viu Joséia Barona já acordada e olhando para ele com ternura. Teve um solressalto e perguntou, atormentado:

— Quem é você?

— Pô! — disse ela, pousando o indicador sobre os lábios. Você é um menino inteligente e corajoso! Escute só, o que eu vou dizer e não se espante nem fale alto, porque temos de conversar um segredo. Você gosta de segredos?

Quinquim respondeu, com um ar meio assustado:

— Gosto.

— Então me diga primeiro o seu nome.

O menino olhou os olhos, arrugados, para a professora e respondeu:

— Meu nome é Quinquim.

— Como?

— Meu nome é Joaquim Pereira Vendram, mas me chamam de Quinquim.

— Muito bem, Quinquim. Agora você vai ficar sabendo quem sou: fui batizada com o nome de Joana Maria dos Anjos, mas me chamam de Joana Botara, porque sou filha de um caçador dos Indianos Botara.

Quinquim teve um sorriso de compreensão e mudou logo de tratamento:

— Ah! a senhora é que é a mestra da Vila do Poder?

— Sou eu mesma! Você me conhecia?

— Meu pai que falou. Ele quer me botar na sua escola, para a senhora me ensinar e tomar conta de mim, enquanto ele estiver no trabalho.

Não sei Quinquim percebeu que não tinha culpa e que a professora se achava apenas coberta com uma pele de maracajá. Ia indagar a razão disso, quando Joana explicou:

— Pelo enteiro! Eu estou tomada conta de você.

An ouvir essas palavras, Quinquim, que já estava bem acordado, voltou em volta da cama e puxou o lençol branco em forma de abóbada, e teve uma decepção:

— A escola é este formão?

— Não, Quinquim. A escola não é aqui.

— Onde é que estamos, então?

— Espere, que vou lhe contar. Você se lembra que houve um pesadelo?

— Pois sim, um sonho meu,

— Isso mesmo; um sonho meu, com Indiano....

— Lembre, sim.

— Lembra-se de que dia da vida dessas vozes?

— É mesmo.

— Lembrarei também da história do Carumbi que consegui a contar-lhe? continuou Joana a despeito, com cuidado, a memória de Quinquim.

— Ah! já sei. Agora estou compreendendo: foi a senhora que contou a história e na pessoa que era minha mãe que ainda estivera viva.

— Bem-vindo ficar um triste: eu fico sendo sua segunda mãe. Está bem?

— Está, respondeu Quinquim, sem muito convencimento.

— Mas as mães e os filhos se abraçam, não é?

— É, sim, senhoras.

— Então venha de lá seu abraço, meu filho.

Quando se abraçaram afetuadamente

E foi assim, abraçados, que Joana Barona contou

a Quinquim a terrível verdade, balançando baixinho,
rosas no rosto:

— Quinquim!

— Senhoras!

— Você tem confiança em sua segunda mãe?

— Terei.

— Se eu lhe disser que não tenho medo, você terá medo?

— Não.

— Então você lhe conta uma coisa, que não tem
não medo!

— Que coisa?

— O pensado que você tem: não foi tanto não.

— Entendo o que foi?

— Poi verdade.

— Verdade? perguntou ela, erguendo a voz com
assombro.

Joana apertou-o ainda mais nos braços reconfortando:

— Quinquim! Foi verdade, mas não aconteceu
desgraça nenhuma. Você está vivendo e eu estou aqui
para fazer-lhe companhia até seu pai chegar.

— Quando é que ele vai chegar?

— Chega logo. Qualquer dia. A essa hora já
está cansado. Mesmo que ele dorme um pouco,
nunca desanuado que ele chega.

— Mas ele sabe onde eu estou?

— Na certa sabe. Mas se não souber não tem
importância porque ele descobre logo.

— E onde é que eu estou? perguntou ainda Quin-
quim.

— Iá vou contar. Mas quero saber primeiramente
que é que os índios trouxeram você para cá.



XIII

O CASO DE QUINQUIM

E o menino começou a contar:

— Pai minho! Meu pai me deixou só em casa
porque eu estava com muito sono. Audre que o sol
despertou, porém, esperou a porta da rede ficar
a aberta. Meu pai não queria que eu abrisse a porta
por causa da "pitada". Então fui para a janela. Nesse
tempo as galheiras sacudiram e pensei:

— Coitadas! Devem estar com fome. Vai ver
que meu pai se esqueceu delas.

Enche uma caia de milho e abri a porta sem me lembrar da coia. Fiquei sentado um bocado, jogaendo milho para dentro do galinheiro e vendo a briga das gatas pelas casas dos grilos. Quando me viu para guardar a casa vadi, que bonito! Imagine que dia com um bicho aí deitado de mam! Quis correr, mas ele me agarrou com tanta força que quase me quebrou os ossos. Gritou como um doido! Lhe, porra, me tapou a boca e, pegando-me no colo, correu correpé para o mato. Ficaram uns ar, de tanto que ele me apertava a boca. Mas sempre que podia, gritava! Adalal, lá longe, só me meteu bem cedo, trichinho e bicho-sar na coia. Eu grita, grita, grita, só que não pode mais. Enfio dentro. Quando acordei, no outro dia, estava solto, mas vários bichos me esfarraparam. Comecei a gritar outra vez. Ele me deu frutas de mato, mas não serviu. Então me puxaram de novo no chão e tocaram pelo abdômen. E só paravam para abter o estômago e me oferecer alguma coisa para comer. Na princípio, eu só gritava. Sabia que não tinha nengum no mato capando ou lendo lerda, só o que? Imagina me curar!

Aí eu estava com massa fome e comecei a comer tudo que me davam. Aíli uma porca de macaco, que elas pegavam e amarravam, na coia. Lutava tal, mas estava boa.

Depois da segunda noite, sentia o corpo doído de estar todo o tempo encolhido aí, de mao praia, no chão. Tive medo, comecei a gritar e a chorar de dor, só que perdi o sono de mam, nobô.

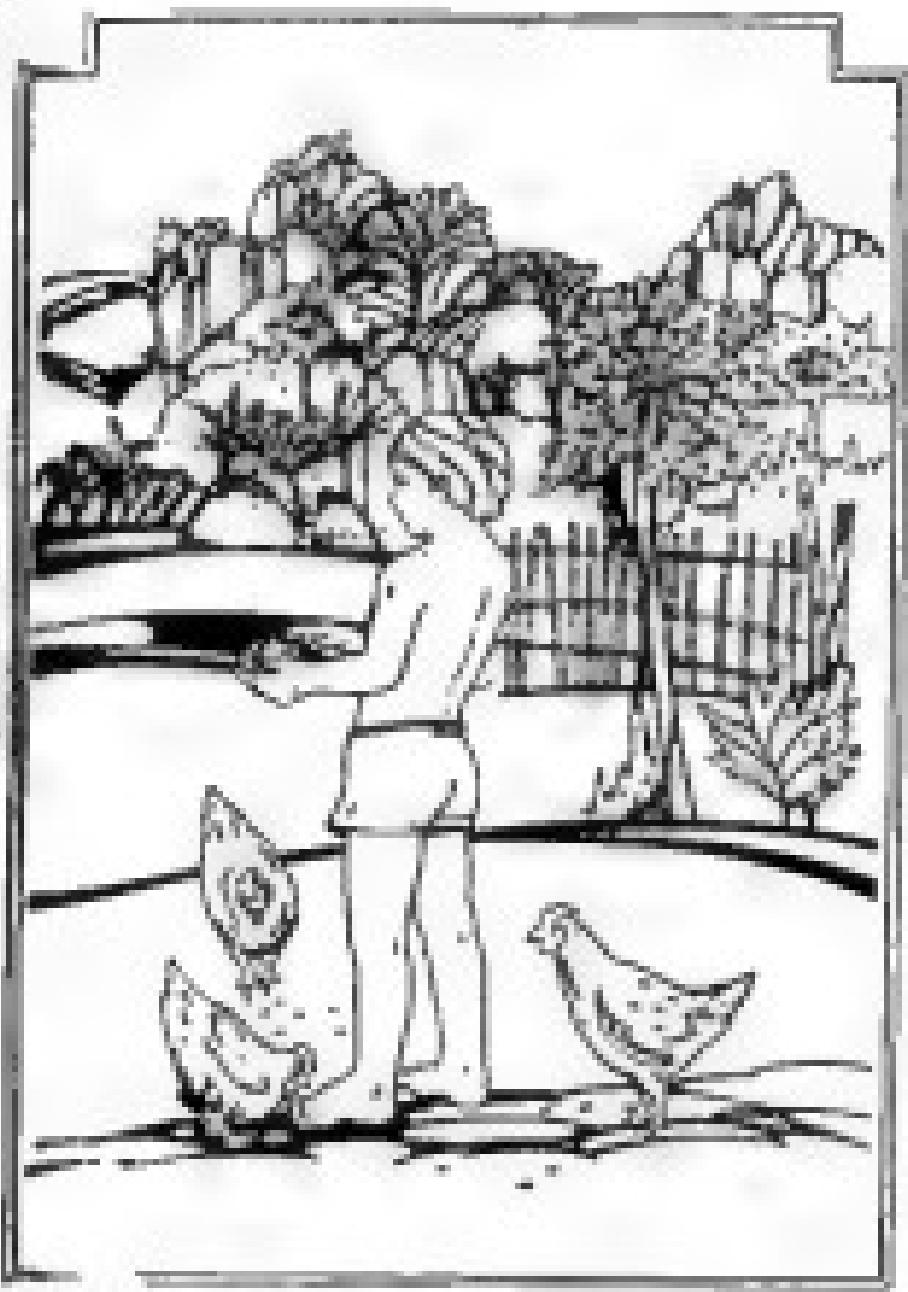
— Entao, agora, já subiu pra cima e trouxe-mos...

— Para este fome grande.

— Fome. Quinquil? Isso não é fome, é uma cabana da India.

— Ele só tem aqu... São vinhos mortos com elas?

— Não, essa ora é só novas! Só nós dials é que



O papo enxertado em berendo pegando malha para os
galoher e rendo a braga delas pelas galin.

vamos morar aqui até que seu pai venha. Você não quer morar comigo?

— Quero.

— Então? Não estamos tão mal assim?

— Mas onde é que eles moram?

— Nas outras ocasiões, visitavam desta. Quando você virá, verá.

— Eu queria ir embora. Por que não vêm?

— Porque eles não devem.

— A senhora podia pedir . . .

— Eles não me atendem.

— Mas não são seus amigos?

— Não, são inimigos. A minha naga é Bernice e ela é a Xavante.

— Os Xavantes não gostam dos Barros?

— Não.

— Então estavam presos? Que vai ser de mim? perguntou Quisqueia, compreendendo afinal tudo o horror da situação.

— Sim, meu filho, estavam presos, mas não se assuste, porque me prenderam também e eu não tenho medo deles. Sei que eles são violentos, visagistas e guerreiros. Mas não são malvados. E, vendo que o menino começava a tremer, apertou-o de encontro ao peito, englobando:

— Faça tudo que eu mandar, que eles não lhe causarão mal algum. Se seu pai desonrar, ou ameaçar, um jeito de fugir. E quando tiverem esquecimento, estaremos livres, em Pessôa, tornando parte numa grande festa, está bem?

— Está, respondeu Quisqueia. Mas como foi que prenderam a senhora?

Joséia Barros aproveitou a pergunta para contar ao menino a sua história e encorajá-lo com a perspectiva de que todos os homens da Pessôa viriam em socorro

Outro sonado com Quinta Venâncio e sua comparsaria, formaria uma turpa formidável.

— E nada de medo, sevia? recomendou da por fin.

O menino ganhou uma grande arremação e sorriu, impudico, imaginando seu por lá frente de tantos cavaleiros invasores! Mas ainda perguntou:

— Senti que ele não vai ficar zangado de eu ter desabafado?

— Não. Ele sabe que você já recebeu um grande castigo. Deverá ficar tão alegre quando o encontrar de novo que vai esquecer tudo!

Lamentando-se, entro, meio acurvada para não bater no teto da era, disse:

Agora vamos sair, para ver como é que eles vão tratar seus hóspedes. Vamos comer o que eles nos derem e vamos falar que todo é muito gostoso.

— Mas eu vou querer só! indagou, zelito, Quinquil.

— Você vai sair só com a resposta que Deus lhe deu. Não se engonhe. É preciso trair entre os Indianos como eles vivem.

Li tomado a mão do menino, a professora levou-o para o dormitório.



XIV

OS ESPINHOS DE CURICO

Aquela hora da manhã, todo o malício estava deserto. Os homens deviam estar na caça, os curumins brincavam nas rochas, as mulheres tomavam banho no rio. Isso queria dizer que os Xavante não tinham cuidado com os prisioneiros; uma mulher e um menino não precisavam ser muito vigiados. Sabem, além disso, com certeza, que a fuga era impossível!

A princípio, Quinkimcoucou hesitava, com medo de rever os índios que o haviam sequestrado. Olhou para as cabanas construídas em torno do terrível circuito. Admitisse-se que, em todavia, a abertura de primada fosse tão baixa que não daria para um homem, algo como seu pai, entrar de pé. Mas a senhora das mulheres, lá para as bandas do rio, vinha até ele. E Jossa perguntou:

— Quinkim, você sabe nadar?

— Um pouquinho. Meu pai ia me ensinar.

— Peço tanto venho ao rio, que eu entendo. Assim, quando seu pai chegar, você já sabe a lhe dar uma surpresa. Quer?

— Quero, sim senhora. Será que eles deixam?

— Creio que sim.

Nisto, ouviram o grito de um cão e uma gritaria.

de termos seixagente. A simélio dos dois voltou-se para uma rosa de rubro, que ficava atrás da maloca. Estavam curumins que gritavam estridentemente, muito alarmados:

— Coandu! Coandu! Coandu!

— É um orangó, informou Joana ao menino.

Os garotos se tornavam cada vez mais próximos ao sol que surgia em círculo de pernas altas, mestre de esquermes-de-sabate. Trazia o fósforo abanado, pingando tinta. E continuava a gritar lamentosamente. Joana compreendeu logo o que aconteceria e exclamou:

Na certa foi aquela exige no mato e eu vim com o lucido espelhado. Pobozinhos!

Atrás do sol, rangiam três curumins de entre o bambu. Ao se desfazerem com a moça e o menino, soltaram urradas de uma grande surpresa. Na visão, não trilham visto nada, porque as crianças Xavantes não dormir quando o sol se oculta por cima da Serra Azul. E os prisioneiros haviam chegado depois, à beira da noite. Não puderam, por isso, esconder suas armas, sendo Joana Bonita e, principalmente, aquela menina branca! E um fogo, quando Joana lhes falou na língua Xavante:

Veja bem ali! Não fujam! Vou tratar da calibração mas preciso de madeira. Não se incomodem com a menina branca! O pai dele vai fumar o cachimbo de pau com o coque.

Muito desconfiados, os meninos foram se apresentando. Joana indistintamente:

Vamos! Segurem o cachorro que eu fiz em madeira!

E então o maior chegou mais perto e segurou o sol, sempre olhando para Quinquim.

— Quem é o seu nome? perguntou-lhe Joana, sobre a maior naturalidade.

Segura, respondeu ele.

— Saguru, você é muito forte, mas o cão é mais forte ainda. Chama aqueles dois para nos ajudarem também. Ele vai expelir e é preciso força, ordenou Joana ao curandista.

Este sorriu, mostrando os dentes, e gritou.

— Jaraqui! Veed! Verham!

Só então os meninos voltaram coragem e se aproximaram. Joana, como se já os conhecesse há muito tempo, continuou a dar ordens.

— Veed, Saguru, segure a cabeça. Veed, Jaraqui, segure as pernas de trás. E você, segurei eu da frente. Veed!

Os meninos assim o fizeram. E Joana, pegando com a mão esquerda por baixo do queixo do cachorro, pôs-se a arrancar, com a maior rapidez, os terribéis espécimes de pelos animal. Quem sabe olhou a cena maravilhado? Não sabia o que mais admirar. E a beleza do próprio cão ou a dos três pequenos salvadores Saguru, Jaraqui e Veed. Assim que terminou a operação, Joana não perdendo tempo e disse:

— Agora vamos lavá-lo e só ficará quando num instantâneo. Pegue na rede de Quenquim e puxaram-no todos a caminho da água. O cão se limpou suavemente pelos três beaginhos.

De propósito, Joana se encarregaria para uma volta de no, afastada do posto onde as canhas caçavam, tornando barata. Chegando à margem, ordenou:

— Amanhem o cão para a água!

Os três garotos passaram o animal e... bumba! Bem foram os quatro para o no. Ela chamou Quenquim e entraram ambos também.

A água estava agitadíssima e o cão parecia não estar sofrendo nenhuma dor porque se pôs a nadar, alegremente, no meio delas. Os beaginhos se moviam cada vez mais camarelos, embora ligeiramente, de vez em quando, um olhar estranho a Quenquim. Esta, fascinado com

Aquela batida insuperada no meio de garotos bêbados, considerava Joana sua verdadeira fada! Não podia imaginar como havia podido conquistar a confiança delas! Com certeza, via Iben falara na laguna Xavante com o mesmo bom jeito com que o consolara à lhe contar a história de Carumbé.

Insuperadamente, Joana deu um mergulho e agarrou a perna de Jureque. Entrou em gritos e logo depois uma risada. O mesmo brinquedo ela fiz com Vival e Saguru. E, em breve, era uma brincadeira geral. O Rio Ibitá desembalou. Quemquer se desviava e aproveitava para fazer-lhe uma farra, tornando-se assim seu amigo.

Neste momento, as mulheres que já haviam, de longe, percebido a pegadura, aproximaram-se, rindo. Vival, Saguru e Jureque foram ao encontro delas e lhes contaram, muito animados, o que havia acontecido. Joana, desfazendo-se, prestou atenção ao que elas disseram que Ibo, em retorno, os seguisse.

- Jussel (o cachorro) descobriu um crânio e Bento com o bicinho todo espantado. Jussel chorava de dor *"muito" dolorosa"* confessou Saguru. Então apareceu aquela moça estrangeira, com o curimáto Pitombeira (o Ibitá é branco) e cutiu Jussel, arrancando-lhe os dentes e lascando-o depois.

Observando esta narrativa, as mulheres olharam para Joana com certa simpatia. Joana sproventou para Iben Ibitá na laguna Xavante. Foi um espanto geral.

Vou! não é filha de Berros?" perguntou-lhe uma velha que parecia ter maior gênio, no rosto da matiz.

- É sua filha de Tupá, respondeu a professora quando disse que era essa, filha de Deus.

- E por isso que ela matou Jussel, conciliou Vival, e morreu das curimatas.

As mulheres olharam-se em silêncio e foram nadando nas águas. Joana acompanhava-as, com intenção de

ajudá-las nos trabalhos caseiros. Quinzequin. Ii sem
medio nemhar, brincou com os três caravelas e com
Joaan.

Outros caravelas mais afioscos foram se chegando
e, em breve, Quinzequin se entretinha com eles, porque
o brinquedo é uma bagagem que todos os meninos
do mundo compreendem.



XV

A SEGUNDA NOITE.

O dia estava alegremente para Quinzequin e Joana
Barbera. As mulhens e os meninos não se tene-
viam como inimigos. Joana assistiu ai Xavante a
fazer novas trairias de rascunhos e malho-verde, beijo-
queiró, caiaquinhos e panachas, que das gostaram
muito.

O banho e o desfraldado deram a Quinzequin muita
fome. Por isso ele não quis resistir a de comer tudo
que lhe deram no começo do dia, pois, como se sabe,
os beagres comem sua cibar as horas.

Joaana, percebendo que a deixavam em liberdade,
andou à cata de embra pelas redondezas e, com impa-
tienta agilidade, trouxe uma pequena rede que levou para
a coca que lhe fora destinada e amarrou-a nos varais.

bem bonitinho, quem resiste ao chão. Esse menino tem uma grande surpresa para Quinzeim que, no entanto, devido aos sustos e às brincadeiras do dia, estava a sair da sono. Então desloca-se nela e adormeceu profundamente.

Joana desloca-se no seu leito, no chão. Mas não dormiu com a mesma facilidade. À hora em que se desloca, chegaram os caçadores e vigias da tribo e ela reuniu-se a um dos caciques, perguntando-lhe um deles:

— Vou rastreio de branco?

— Não, cacique.

— Continue vigiando, que eles devem estar no caminhão! É muito cuidado com o pequeno rapazinho! De jeo gata de noite, fique-o calar com uma boa patada!

— Sim, cacique.

Bon convence tirou o sono de Joana. Não teria por si, nem pôde matizá-lo, a quem já queria bem como a um verdadeiro filho. Tria ele, da noite, gritar como na primeira noite? Todas essas preocupações fizeram com que só a muito custo conseguisse adormecer.

Noite alta, quando a tribo entra dormir a sono, ajeito, Quinzeim ergueu-se na rede como se tivesse mola, e gritou:

— Mãe! O mil!

Joana despertou assustada, sentou-se rapidamente, cingiu o manto ao peito e lhe disse:

— Estou aqui, meu filho! Deixe-se quietinho, que eu lhe conto o resto da história do Carambó. Você quer?

— Quero, respondeu Quinzeim, distando-se da rede, mais tranqüilo.

— Então escute, mas eu só conto com uma condição: você vai ficar de biquinho calado! Está bem?

— Está bem, disse o menino, segurando a mão da Joana e ajeitando-se na rede.

Ilha convenceu a contar:

— Depois daquela conversa com o rapaz Xad, Carumbé ainda ficou mais curioso e se resolveu a esperar mando para ver como ele era. Mas precisava pedir licença à mãe, por isso chegou-lhe parte da D. Jabota e lhe disse:

— Mãe, quero comer mundo...

D. Jabota, que estava estrengando o círculo de um dos filhos para que as platinhas ficassem brilhando, perguntou, direitinha:

— Para que, meu filho?

— Para conhecer, mãe. Quem não procura conhecer não conhece nunca, não é verdade?

— É, meu filho.

— Então posso ir?

D. Jabota já andava desanimada de tentar com aquele filho pródigo. Tínhamo dito seu consentimento, direitinho:

— Pois vá, meu filho. Vá, veja o mundo todo, e volte para contar à gente como é.

— Obrigada, mãe, respondeu Carumbé.

E combinaram logo a partida.

No dia seguinte, de madrugada, os quatorze carumbenhecos colocaram-se em fila à beira do riaílho, para se despedirem do irmão. Carumbé deu meio-abraço em cada um, porque, como se sabe, os carumbés têm os braços muito curtos e só podem abraçar pela metade.

— Adeus, maninhos! disse ele.

— Adeus, responderam em coro os treze carumbenhecos.

D. Jabota, com uma grossa lágrima ponderada nos olhos, esticou o pescoço e cravou-o com o pescoço franzidinho de Carumbé, pois é assim que as jabotas beijam os filhos.

E antes que ele se lançasse à figura, que seria, no mesmo tempo, o seu caminho e o seu meio de transporte, ela lhe fez as últimas perguntas e recomendações:

— Já preparou os remos?

Carambó respondeu:

- Já... (Os ramos eram os paus.)
- Já apertou o leme?
- Já... (O leme era o rabicho.)
- Já limpou o barco?
- Já... (O barco era o casco inteiro.)
- Já apontou a rede?
- Já... (A rede era o círculo de bainha.)
- Já tem seu guarda-chuva?
- Já... (O guarda-chuva era o casco de cima.)
- Já trouxe os escudos?
- Já... (Os escudos eram o vime de bainha e o vime de cima.)

— Então está bem, meu filho...

D. Jábora estava emocionada. Por seu gosto, preferia este diálogo por uma pessoa de tempo a fio de querer Carambó ao seu lado. Mas era preciso se meter de coragem e derrubá-lo paraí. Então, reunindo forças, pediu, com impaciência:

— Olhe, meu filho! Não esqueça dos meus conselhos! Vá pela sombra, não tome chuva, charme cada bocado comendo, não come frutos verdes e evite as más compariências! E, vendo que ele já estava na beirinha das águas, desconsolada: Vá com Tupá, meu filho. Adieu!

— Adieu, mãe! exclamou Carambó, mergulhando no rio; posou adante suas mãos de costas e desceu-se levado pelo correnteza.

D. Jábora e os carumbazinhos ficaram sonhando, deitados, com os braços curtos, só que ele sumiu numa curva distante. E voltaram depois para a serra.

O roteiro continuou rolando suas águas, rolando, rolando, rolando... solan... do...

Já era hora de acabar a história, mas verificações que fizessem dormir de sono. Dificilmente de compreção nômade, e de alí pode dormir sonolenta só e sempre ali da vez.



XVI

A TERCEIRA NOITE

O segundo dia passado na taba correu para maloca. Joana teve tempo de fazer uma boavidação. Joana tirou tempo de fazer uma boavidação. Joana tirou tempo de fazer uma boavidação para ela e colher folhagens e florais do mato para levar e cheirar e encantar a terra.

A noite, quando já estavam deitados a Quisqueim dormia um sono tranqüilo, ela ouviu de novo a conversa do cacique com os vigias da aldeia:

— Estão, viram alguma semente de branco?

— Não, cacique.

— Não se desesperem! Eles não devem vir! Mas é impossível chegar em horizonte de prendê-los!

— Sim, cacique.

— É preciso não deixar que a Bonora e o Capivara abram caminho a eles. Já sabem o que devem fazer se eles tentarem fugir ou gritar!

Joana, coitada!, perdeu o sono de novo, preocupada.

Como poderia salvar Quisqueim? Gritaria ela, outra vez, aquela noite? Ela como conseguira conversar com seus amigos de Pavuna e com Quincas Vassoura para presentes da emboscada que os Xavantes ibam preparando?

Ela e Quisqueim não podiam se queixar dos índios;

stado não haviam achado nada. Mas lembrava-se de seus tempos de menina, das investidas que os Xavantes podiam fazer num idoso pacífico da sua gente. Não se dava, pois, com a leta que se preparava. Era para não inventar um jeito de prevenir os ferimentos!

A noite já ia cair quando Quinquim trouxe seu plantão de costume:

- Michel!

Estou aqui, meu filho, respondeu Joana, sobressaltada. Que é que você tem? Olhe, daquele queijinho que costumava achar lá a história de Carandiru?

Quinquim aquietou-se e da continuou:

— Carumbé estava trajando no sítio das águas, não? A Ibiá? E, como o menino ficou viral afirmando, pegou gato. E assim, fui-se demandar breves pela governanta, nem usar os dedos, nem fazer fogo, nem abusar. O menino comeu entre doces e frondosas e a brisa fresca da manhã encorpou-lhe sacamente a nupêba. Tudo contribuiu para aumentar o gosto de Carandiru. Isso realizou o seu sonho! Esta felic!

Joao se cansava de contemplar a copa do arvoredo, por onde os primeiros raios de sol penetravam a mata. Ficou, dum copo, uma pregação no sítio de uma embalha e cumprimentou-o:

— Olá, pregação! Bom dia!

A pregação não respondeu. Mas Carumbé estava deslido por dar uns bons dedilhos de prosa. Por isso, levou, nadando em marcha à etérea canção contráspólo, como se diz, e continuou:

— Deixa um pouco, pregação. Vamos conversar! Mas a pregação não respondeu.

— Está com pregação de dorço?

A pregação não respondeu.

— Está com pregação de coconomar?

A pregação não respondeu.

— Está com pregação de responder?

A pregação não respondeu.

— Então fique aí, eu deixo. Carumbé, desculpe-me. Fique só, que eu vou-me embora para conhecer o mundo. Da volta eu lhe conto como é.

E soltando o berço, saiu a todo vapor.

Estava tão alegre que conseguiu a casuar, de papa para cima:

— A pregação nem pregação,
não passa de ar mear! . . .
E como é que ela não morre,
quem pregação de comer?

Nisso, uma filha saltou na barriga dele e Tia disse:

— Estou gostando de ver: o rato falando da aranha-padrão . . .

Carumbé levou um susto morte, vendo aquela filha em cima dele. Mas logo deu uma risada, estribinho em cima dele. Mas logo deu uma risada, estribinho em cima dele. Mas logo deu uma risada, estribinho em cima dele. E quando o pescador parou para ver a criatura bem de perto:

— Que é que você está falando, porreiro?

— Rato falando, disse ele, que você está falando da pregação da pregação, e não passa de um pregaiçoso de marra malo.

— Não confunda, porreiro. Não confunda pregação com vagar. Sua vagaroso é verdade, mas não pregação com vagar. Sua vagaroso é verdade, mas não é muito diferente. O vagar é o segredo da pregação. De vagar se vai ao longe, fique sabendo.

— Quer dizer, com isso, que você pregação é muito longe? perguntou a espantada garotice.

— Vou ao fim do mundo, respondeu Carumbé com orgulho.

— Hum! . . . Ao fim do mundo!

— Pelo menos!

— Sempre nessa velocidade? perguntou ela, cinquinhando os olhos e pondo as mãos compadinha, com um sorriso magro.

— Não, não quatro velocidades, respondeu ele para a mesma voz impaciente.

— Quatro?

— Sim, quatro.

— E qual são elas? Mostre-me!

— Mostrar não posso. Mas posso dizer-lhe.

— Então diga!

— Primeira velocidade: devagar. Segunda velocidade: devagarinho. Terceira velocidade: muito devagar. Quarta velocidade: muito devagarinho.

— Bemol suspendeu a pergunta. Com estas velocidades todas, quem vai chegar ao fim do mundo é seu bicho.

— E pelo que vejo você também está querendo ir...

— Exat! Por quê?

— Porque entrei no seu barco de grãos, sem pedir licença, sem pagar passagem. Mas isso não pode ser! Antes só de que mal acompanhado. E diabundo isso, o jabuti virou as costas para cima e largou a perna na água.

Continuou a navegar como se fosse tombar de rota. De súbito, porém, alguma coisa aconteceu-se na sua passagem. Ele levou um grande susto now, verificando que não passava de um filhote de jacaré, saído do ovo naquela noite, metido o peito dentro um verdadeiro berço e curvado.

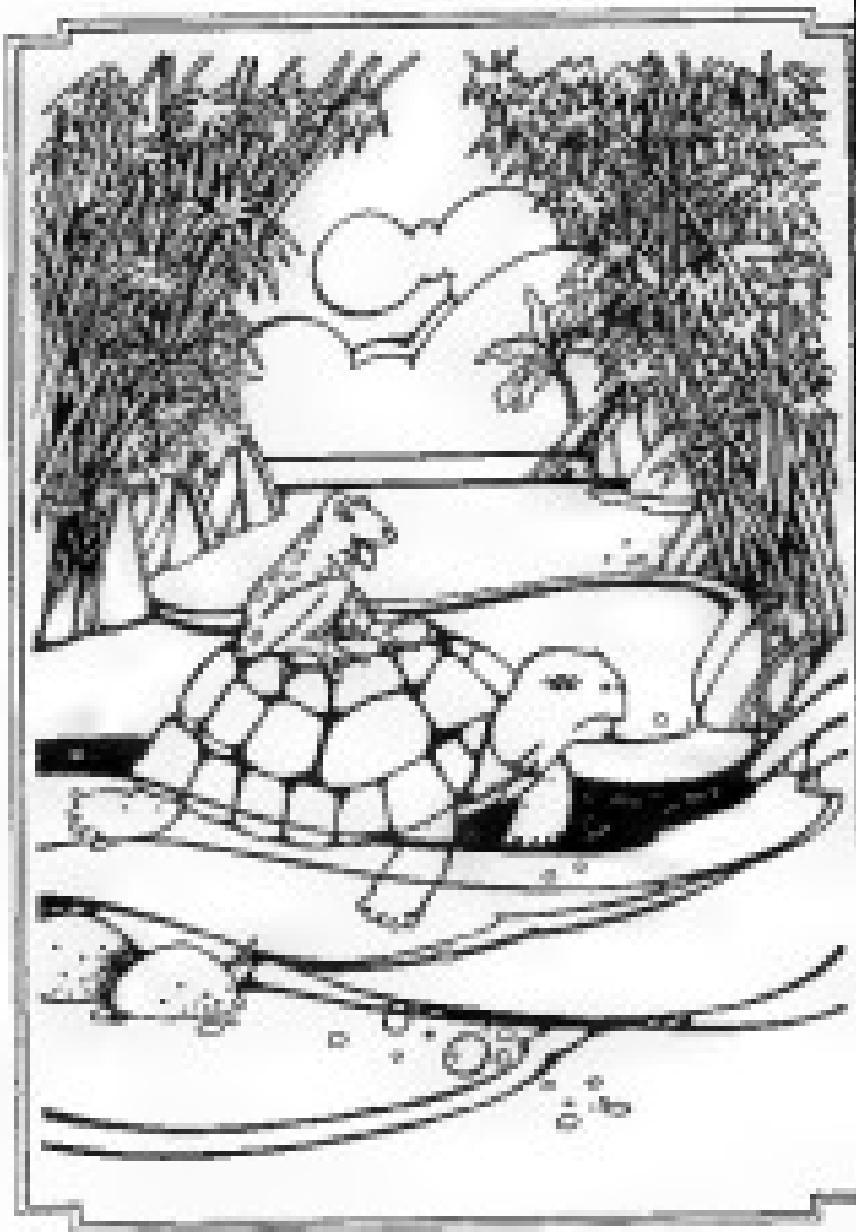
— Fico contente!

Nad... nad...

Sai da frente,

Jacaré...

O jacarezinho nadou para a margem o mais depressa que podia. E ficou sabendo que, no mundo, não havia só jacaré.



— Pode entrar no meu barco da grava, sem pedir
permisão, sem pagar passagem. Isso não pode ser!

De longe, Carumbi via bater-lhe o papo de tanto gavot! El ainda disse:

— Conheceu, papai? Carumbi não tem medo de bicho best-tudo!

José, nesse momento, interrompeu sua narrativa porque o menino dormia. Voltou, então, para a sua rede e, morta de cansaço, dormiu também.



XVII

A MENSAGEM FLUTUANTE

Muitas noites se passaram así que, certo dia, o tempo amanheceu enfarruscado, amaregando chapa. Como de costume, Juana e Quincas se encantavam para o banho. A professora, cada vez mais preocupada, seguia em silêncio. Não cessava de pedir a Deus, no íntimo de sua consciência, que lhe mandasse um jeito de comunicar-se com os bruxos. Essa, desse horá, devia estar provocando o sutil brilho que flutuava de uma parte de suas roupas. Nisso, Quincas abusou-se, apertou alguma coisa no chão, e mordendo a Juana, disse-lhe:

— Olhe aqui um espelho de ouro, que a senhora trou de Paris!

Juana pegou o espelho e enfiou-o na pele da mangueira que lhe servia de roupa. Fez isso maginalmente,

como se guardasse uma agulha, sem saber para que lhe serviria aquela ponte-ponteiro espesso, mas certo de querer de que uma agulha de seda.

Ao chegarem ao rei, encontraram Sugara, Jaraqui e Vouak, acompanhados de Jesusel, numa encruzilhada brincadeira, que tentavam enalgar uma enorme peneira em cima da água, para devore sobre ela no abanado equilíbrio, porém, era quase impossível porque a peneira vibrava e... "brinca" o cascalho grãobia de cabaço na água! Depois a peneira ia se ir sacudia, levada pelo vento. Era, então, necessário nadar depressa para apinhá-la de novo.

Quem que fosse logo fascinado por aquele desempenho, Joata, porém, ao ver a peneira penarça desejando se livrar da correnteza, teve uma idéia subtil: E se ele envolvesse a seu amado, devore daquela fruta, uma mensagem encantadora? Era tão grande que certamente chamaria a atenção de quem se avizinhasse das margens. Da mesma, que sempre vivera no vento e vira tantas estocadas carregadas adoravam-se do saborinho daquela peneira. E quem a prendesse ali dentro de pena lá, joga em fruto assim todo momento utilizável. Perguntou pedra, no entanto, se apertar da fruta sem abri-la e, abrindo-a, encontraria o escudo que existisse.

A ideia era, sem dúvida, ótima! Mas como realizá-la? Onde encontrar a mensagem salvadora? Dernan, pensou, se abrisse a peneira para introduzir qualquer coisa, teria de fôrtilha a prova d'água, sendo, sózinha, essa a prova d'água que havia impossível.

Outra idéia, porém, duas ou três espumas, tratei-rou que a única coisa estava vedando é que teria feito mal a com uma ponta aguda. A mensagem seria, portanto, escrita na própria casca. Mas com quê? Ah! com a ponta do espelho de vidro que tinha consegui-

— Deus me inspirou pensou Janau, e seu coração batia violentamente ao descobrir sua perturbadora. Agora era tratar de dar um jeito de atrair os curanhas para entre brinquedo. Assim pensando, pegou um pedaço de pau, chamou Quisqueu e lhe disse:

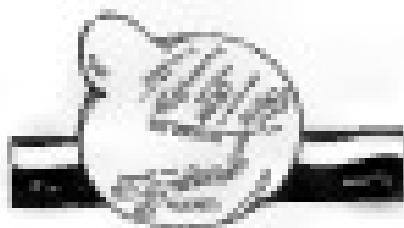
— Ensaie o cão a apontar esse pau. Vou o mostrar bem a ele, depois o atira longe e corre com ele para que ele o pegue com os dentes. Atire se não é fácil para apontá-lo de novo. Entretenha os curanhas enquanto eu vou fazer um serviço. Quisqueu obedeceu e se foi a chamar:

— Janau! Janau! Janau!

O cão saiu da água e aproximou-se. Quisqueu lhe fez sinal, mostrou-lhe o pau e atirou-o longe. Janau olhou um instante indeciso, mas viu que pensava que Quisqueu se despediu a apontá-lo, passou-lhe à frente e alcançou o pau, que ficou balçando. Então o homem apontou o pau, fazendo com que o cachorro o tocasse entre os dentes e o trouxesse até o local de onde a horda atirado. Repetiu a ligia, mas não foi preciso acompanhá-la mais Janau, por esse, um momento após, lhe tirou de volta o brinquedo. Então Quisqueu foi para a margem do rio e jogou o pau na água. O cão, já treinado, lançou-se-lhe logo no encalço. Seguiram, Janau e Veu, caminhos da parangaba, interessaram-se profundamente pelo novo brinquedo. Vieram para a margem sobre galhos de rote para Janau pegar, roçando o fruto na rodando água abaixo.

Janau esperava esse momento, meio oculta entre a rústica da margem. Então pôs-se a correr desajeitadamente, acompanhando a parangaba até que, na praia da curva, se lançou na água e a nata para terra. Enquanto abria de uma mola, tirou o espelho de ouro e com ele começou a desenhar e a escrever sobre a curva. O maravilhoso! O espelho trazia aquela superfície verde melhor que uma pena rica em papel!

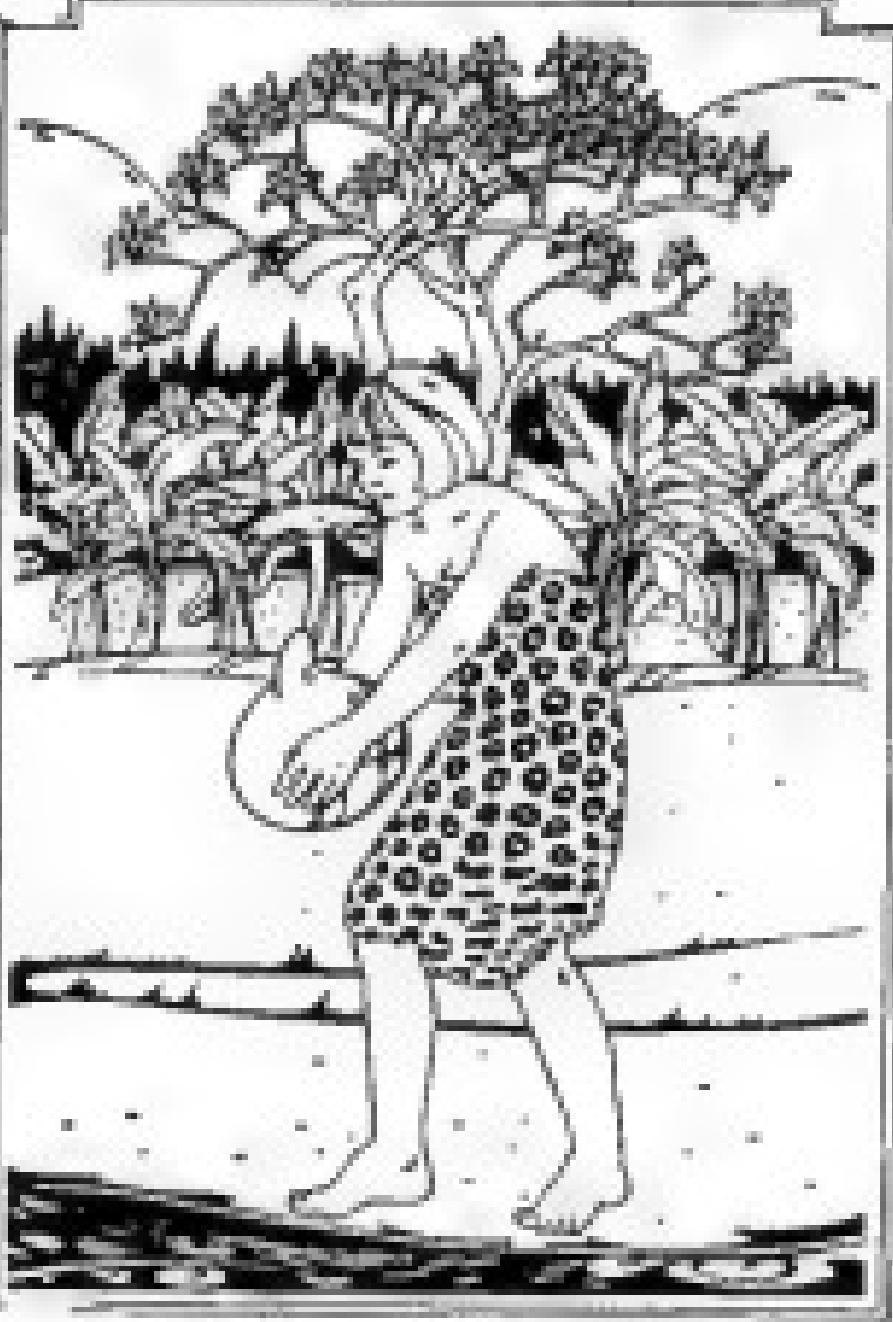
E Joana pôs milos à obra: desenhou primeiramente um grupo de casinhas ao lado das quais escreveu a palavra "Poxozinho"; depois, partindo dessas casinhas, desenhou flechas indicando uma direção até atravessar um longo risco no qual escreveu — "Rio das Mortes", e outras quatro flechas acompanhando esse rio pela margem esquerda até encontrar outro risco, sobre o qual escrevera — "Rio Nocoré". Desenhava, em seguida, uma flecha atravessando o Rio Nocoré e depois muitas árvores entre as quais escrevia a palavra "enxovade" mais de uma vez. Novas flechas indicavam o caminho até a sela dos Xuvante no meio da qual escrevia o nome do Quinzinho. Ainda da sela, desenhava, finalmente, com linhas curvas, muitas montanhas, sobre as quais escrevia a palavra — "Serra Azul". Contemplou, então, satisfeita, a mensagem, que era essa:



Nenhuma pessoa inteligente deixaria de entender o seu recado. Só entro nesse que o clérigo ficava encantado que grossos peixes de cheva conseguiram a vés.

Joana desceu por terraizada a tarefa. Levantou-se, atirou a paranguba na liga e ficou olhando-a desfilar, até que a perdeu de vista. Então fez um gesto de adoração e disse:

— Deus te guie, paranguba abençoada! Rio, seja benzechad! Lave esta paranguba até nascer amanhecer! Cheva, seja benzechad! Ajude o rio a levá-la depressa!



Alguna estima a parangas n'água e fuma cítricos
destilar até que a perda de vira.

Como se houvesse atropelado à sua regra, a chuva desabava violenta. Joana correu até onde se achava o bando de rincões e chamou Quinzeira.

Quando todos se recolheram à cabana, o aguaceiro já era torrencial.

É das bandas da Serra Azul, vinha um barulho de cachoeira . . .



XVII

A PAPAGAO

Cheveu, choveu e choveu o dia todo. À noite, anquanto Quinzeira dormia de roçar, na sua rede, e a chuva caia lá fora copiosamente, Joana se entregrava a pensamentos desencontrados. Uma grande esperança encheu seu coração. De vez em quando, porém, uma dúvida a inquietava: a mensagem chegaria ao seu destino? Com a certeza, a parangaba não seria esquecida para a marapuã e esculhada em gravetos e paus que sempre se encontravam ao longo dos rios? Mas logo um pensamento agradável aliviava sua alma: com a violência do tempo e o volume de água que desabava

de sono, aumentaria muito a velocidade da corrente. E uma punha, lisa não poderia escalar numa correrente tão forte!

Mal tivera esse bonito presentimento, Quisqueia viu um grito mais alto que nas outras noites:

— Millet! O millet!

Joura acordou, tapando-lhe a boca com a mão:

— Não grita, Quisqueia! Estou aqui! Fique quietinho, que lhe conto o resto da história de Carambel.

Mal tinha levado um suspiro! Felizmente o barulho da churrabela matou outros ruidos, e o sono dos adivinhos é pesado...

Joura, então, continuou sua história:

— Como lhe contei, Carambel ia navegando conforme lhe dava na cabeca, em navegação de costa, ora de fozes. E assim foi descendo e, no, lhe descendo, descendo... até que avistou um pé de taperebá, vergado ao peso de frutos maduros.

— Tugú! está me apurando! exclamou ele, porque plantou este taperebá no meu caminho! Vamos apertar para colher alguma fruta. O chão deve estar cheio. Estou com fome e tenho o dírio de comer, que hoje já naranguei muito.

Carambel se dirigiu, então, para a margem e pousou no solo. Vir logo o chão borrado de frutos e ficou contente. Mal provou alguma, disse:

— Bem, Estou satisfeito. Não se dirá como estou estufar a barriga. Pica fera, disse ele, esquecendo de que barriga de jabuti, apertada no caso, não podera estufar.

A verdade, porém, é que os frutos estavam apodrecidos. Não um bando de papagaia poucos no taperebá-zoo. Carambel se encheu de inveja e pensou:

— Aquelas fechaduras é que comem frutos sabonosos, madurinhos, sem gosto de passados. E tem uma vontade doída de provar daquelas. Para isso, dirige-se a um dos plumeros e pede-lhe castanholando.

— Japim, japim,
meu amado!
Olhe para mim,
que estou no chão...

O japonês olhou e soltou um trinado que era uma verdadeira gargalhada. O resto do bando ouviu também o logo caso, sobre Carambel, uma chuva de risos. Ele regalou-se a mais não poder, lancetando com um círculo tão apertado... Quando, afinal, acabou de rir, despediu-se:

— Adeus, amigos, muito obrigado. Quando eu voltar da terra do mundo hei de trazê-lhes ricas presentes!

Os japões ficaram dando os seus trinados festivos e Carambel se pôs a caminhar pela margem, falando com seus bichos, como se fosse bestial.

— E... Agora vamos caminhando um pouco a pé, para fazer a digestão. Minha mãe sempre me ensinou não molhar os pés depois da comida, ali transformo no cisco.

Logo adiante virá numa lareira, rincões compõem casulos que parecem enormes frutos pendurados.

— Olá! casulos. Os amigos papagaio moram por aqui!

Estava ainda contemplando os nichos, quando viu uma cobra como um cípó moedado, subindo pelo tronco. Carambel espantou-a e perguntou:

— Olá, cípó! Quem o ensinou a se meter?

— Não sou cípó, respondeu-lhe a cobra.

— Ah! então só pode ser a cobra-cípó, de que minha mãe me fala. Fazem em conhecida!

— Não sou cobra-cípó! Sou a papagaio!

— Papagaio?

— Sim, a carinhosa papagaio, tanto que venho aqui pegar os ovos do japonês.

Carumbé tinha a consciência doce como um berilo de açúcar e tentava fazer o possível para salvar os fáustos jipimantes...:

Ora, que idiota, dona Caninana! Não faga isso! A senhora não sabe que ovo de jipim estoura a hambú de quem come?

— Nã comi malhos: não me daram mal nenhum, suspenderam a caninana de Inglaterra de fora, no mesmo tempo em que alcançava um galho, na ponta do qual se achava ponderado um nusso de jipim.

Vendo que sua mentira não dava resultado, Carumbé resolveu apelar para os acusamentos burrascosos da cobeia. E falou:

— Ô dona Caninana! Mas sei lá que a senhora tem coragem!!

A caninana, porém, nem o desceu acudir a frase:

— Tenho coragem, sim. Japim nunca me fez medo.

— Não é isso que eu quero dizer! Ô que eu quero dizer... Carumbé estava altrapalhado para explicar-se. E a caninana era impaciente:

— Diga logo o que quer dizer!

— Quero dizer, dona Caninana, que a senhora, tendo tão bondosa como todos sabem, não há de ter coragem de matar essas crianças.

— Que crianças, bobo?

— Os ovos! Então os ovos não são crianças?

— Ovos não ovos, isso é que eu sei.

— Como assim? Então os ovos da senhora não são suas crianças?

— Mas eu sou incapaz de comer os meus ovos!

— Isso eu sei! Mas responda só que eu estou perguntando: os ovos da senhora não são suas crianças?

— Meus ovos não têm comparação com ovos de jipim! Deixe de tolices! Vou comb-lhe porque quero a pacote!

E quando a pôr-voce ia cair os crôni do jipe, Joana notou que o menino falaria no sono. Agora ela também podia adormecer tranquilamente. E foi o que fez.



XIX

BOM-B! BOM-B!

Curvas violentas se desenrolaram ainda por ali, gato dia. O rio rolava agora mais ligeiro com um barulho suave e intermitente. E o tempo não dava esperança de melhora. Joana reteve quanto pôde Quinquim na cota, mesmo que ele se resfriasse, sob o aguaceiro. O menino, porém, se manteve tão tranq., com ansiedade de seu pai e da vida nos primeiros, que ele acabou dando-lhe alguma liberdade para que ele se divertisse com seus novos amups.

Aísim que a chera desseu um poaco, Quinquim ceusou Jaraguá a abrir um repasto para as ligas concorrentes. E foi uma festa! Todos os corações queriam alegria a fazer o nacho, mas essa alegria, como não possuam propriamente biscoquedos, era sempre preciso inventar alguma crise e Quinquim não encontrava a menor dificuldade nesse. Dessa forma ia conquistando a simpatia e mesmo a amizade dos pequenos Xavantin.

com a mesma facilidade com que souberem chegar a coisas das quais ignoravam.

Agora, sentiu-a mais cedo. Logo que a tarde caiu, uma profunda escuridão invadiu as ruas. E não havia certeza alguma sobre trazer de dormir.

Antes que chegasse a madrugada, no entanto, Chaves já dava a seu larim de sempre. Joana não se importava mais com seus temores. Arredava-se, curiosamente, e logo lhe perguntava a conversação da história de Carandé. Chaves, que era deslido por histórias, escutava-lhe na rede, desejoso de ouvir. Queria que o problema resolvesse o que se passara com Carandé e aquela moça com a dona Carandé. Se ela ainda é sua perdida, afinal.

— Carandé era a pessoa mais esperta de todos, no portando tanto do papel e fez numa ilusão magnífica! Queria dizer para todos os amigos, mas queria dizer que Carandé pôde dizer! Chaves gritou chamar de novo elas, mas seu grito era fraco e não se ouviu longe. Fazia pouca, nessa angústia, quando saíram da casa, e despediram-se os papéis, como se fossem roupas sujas, suspiraram em sincronismo barato, e fugiram, como flutuantes, num terno suspiro, sobre a pensosa carriinha. Ela, que voltaria com a metade do corpo para fora do assento, não teve tempo para voltar e afundar-se com suas terríveis bolas. Elas, então, a longa de profissionais, partiram-lhe a espinha, partiram-na e desferiram-na em si não creveu um verdadeiro leigo.

A malvada havia recebido o castigo que merecia. Agora essa papagaia era de ninar! Arredava-se, sem algum tempo achar metade do corpo inchado, ate que maternidade deve ter sentido.

Carandé, que a tudo assistira encantado, observava aquela sua crônica de agressões, bêbadas se de que lhe pegava unhas e lhe lhe soltava, e não se curava. Chegou para a berlina.

— Eu não lhe disse, doma Cauzana, que ovo de jipim esticava barriga?

A cauzana não pôde mais responder, mas naturalmente já se convenceu dessa verdade.

Carumbé olhou, então, para o alto, e chegou os jipins:

— Bem serviço, amigos! Mas me digam uma coisa: como foi que souberam do que se passava?

Uma das jipins respondeu:

— Olhe malo para cima: o que é aquilo?

— Um veleiro, disse Carumbé, sem compreender.

— Pois foram as vespas que vos informaram. Você não sabe que elas são nossas coadjuvantes? Não sabe que só fazemos nenhuns próximos delas?

Carumbé não saiba nada e estava surpreendido. O jipim continuou:

— Nossas coadjuvantes que vigiam nossas várzeas. E, lá, existem muitos outros episódios interessantes em que os intelectuais insetos haviam salvado os jipins e seus filhos da multidão de feroces habitantes da mata virgem.

Carumbé se distraiu um bocado com a conversa; de repente, porém, achou que devia prosseguir em sua viagem e despediu-se, dizendo:

— Bem, meus amigos, preciso ir chegando. Aí é a volta, se Tupi quiser. Não me exequemel do presente que lhes prometi para daqui a algum tempo, quando vier do fundo do mundo.

Ou jipins, que sabem arranjar os seus planos mas têm um canto próprio, voltaram para o tapete-brilho, cantando:

— Bom-e! Bom-e! Bom-e!

E como, quando se sentia alegre, vibrava poeta sem querer, Carumbé cantarolou logo este versinho:

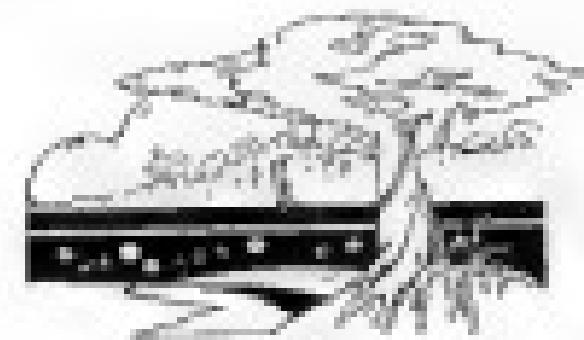
— Papai, o que é ser
reservado de Coração?
E em vez de dizer, o que não?
Bom-dá! Bom-dá! Bom-dá!

E se absteve pensando que, de fato, bom é que a
maldade receba seu castigo... Bom é que haja amizade
que se liberte da gente... Bom é que exista alegria
neste mundo... Bom é que as crianças cresçam qua-
renho bem alegremente... Bom é que os animais se
façam quando desejarem... Bom é que os devolvam
com suas investidas animadissimas...

Nesse ponto da narrativa, Joana percebeu que
Quisqueira já não estava entendendo mais a história.
Foi, então, repetindo, cada vez mais baixinho:

— Bom-dá... Bom-dá... Bom é, bom é... Até
que ele adormecesse profundamente.

Chegara a sua vez de dormir sonhada.



XX

OS CEM CAVALEIROS

E NQUANTO essas coisas se passavam na Ilha dos
Xavantes, os cem cavaleiros que permaneciam no
cerco de Boaia Borora e Quisqueira tinham achado a
pista dos raptos e atravessado o Rio das Mortes. Essa

travessia fez pensou e dormiu um dia inteiro, deitado no campo de manutenção, arreios, mazelas e barreiras.

Ao amanhecer de outro dia, todos prosseguiam viagem pela margem esquerda, sempre caminhando no sentido da corrente. De vez em quando, porém, eram obrigados a desvair-se e entrar pelo mato, porque na cercanias do Rio havia caminhos impenetráveis e largaduras profundas por chuvas recentes. Isso era causa de certo aborrecimento pois atraiava a mosca do bando.

Afinal, após alguns dias de caminhada, avistaram o Rio Xavante, sempre encontrando pegadas de bugres pela arena ou no chão calcinado e, entre essas marcas, outras menores que atribuíram a Joana Boavera. Essas descobertas enlouqueciam de ansiedade os homens.

— Estamos no nosso delito, disse Non Mano. Não devia matar duas e avulsões e alínea.

Só Quenque Vendaço não participava do entusiasmo geral. Não podia ter certeza de que seu filho ainda vivesse: não havia descolhido a marca de seus possíveis em parte alguma? Tinha ele sido levado em nome de quem? Mas, nesse caso, seus raptores não eram Xavante, cujas aldeias, segundo se sabia, se espalhavam numa vasta área, à esquerda do Rio das Mortes. Para onde teria sido levado o querido Quenque?

Entre pensamentos mantinham o desfile pelas e ilhas de Chico Pongá lhe valia de consolo.

— Olá, homem! O menino foi levado com a pescaria, intercalava-lhe ria.

— Mas onde estão as pegadas do pescador? Chico Pongá não sabia das pegadas mas nem por isso se mostrava alargado. E ria-se logo:

— Então você pensa que Quenque, valente como é, iria separar os índios nem luta? Bem que você não conhece o seu filho!

— Coitado, coitado... Mas que tem isso?

— Tem uma coisa um menino da força dele

não vai contra a verdade a parte alguma. Só carregado é inútil. E foi o que se deu: ele foi carregado e por isso não se achava as marcas de seus pés, compreendeu?

Quisces Verlacio recebeu essas palavras do amigo grotto presentes do céu. Ela ficava muito alegre. Chico Pongá, porém, mal acabava de tranquilizá-la, sentia o estômago apertar de ansiedade, pois também ele receava a sorte daquela competição não quando de todos.

Só Deus, em verdade, poderia saber o que faria Rito do caminhol.

De súbito, um dia, José Fiqueir, que ia à frente, arfou o animal e avisou:

— Caiu alguma tronha d'água na serra, porque o Nocodori está cheio de meter medo! Olhem lá!

Os cavaleiros escutaram e fizeram os olhos: a distância o rio parecia tão largo que mal era possível distinguir a outra margem. O vegetação era sobreposta uns a outros de novas apresentações e cores de todos...

— Mas! Mas! lamentou Nico Manco. Assim não podemos atravessar... E essas enchentes do sertão não acabam tão cedo! Em que triste estamos?

José Fiqueir respondeu:

— Jureu, estamos a 15 de Janeiro.

— Deus nos acuda! exclamou Nico Manco, abrindo os olhos, preocupadíssimo. Então a estação das águas já começou. O diabo vai continuar! Agora não há outro remedio senão acampar por aqui e esperar que Deus tenha pena da gente...

A essa palavras seguiu-se uma exclamação geral de desapontamento.

Chico Pongá perguntou:

— Sabe que não podemos atravessar assim mesmo?

Ele era bom mergulhador e não temia nenhuma tempestade das águas nem a força da correnteza.

— Podemos sim concordar logo Quisces Verlacio, que estava com o coração saltando no peito para

passar o rio e seguir os rastros dos Xavante pela outra banda.

Nico Manco, porém, desconfiou com energia:

— Vamos devor de leucana, meu amigo. Como é possível atravessar esse rio com tanto cavalo e tanta carga? Nós vimos aqui para morrer lá sua, ou para salvar outras vidas! Estamos arriscando a existência, é verdade. Mas nem por isso devemos perder a certeza, não é isso? Poeta Bonito e Quincas esperam por nós. Devemos virar por nova vila para que não nos esperem em alta.

A discussão dos homens cessou logo essas razões. E Chico Pongá e Quincas Vendava, embora não empolgados em fazer a travessia de qualquer maneira, não deramem outro método senão concordar com elas.

Em vista dessa conclusão, apuraram todos e escolheram um lugar onde pudesssem armar o acampamento. José Pugente e outros guerreiros saíram à cata de frutos e coconas de canastra e canabá, cujas palmeiras estavam práticas redondinhas.

Nico Manco, porém, avisou-as:

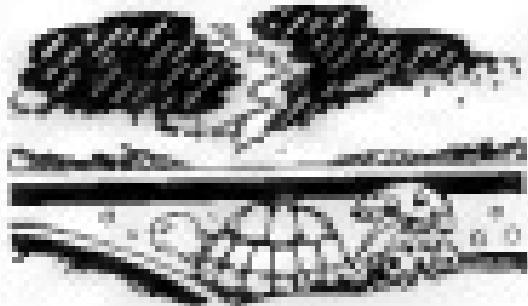
— Não façam fogo nem cacem a tiro, para não atrair a atenção dos Xavante, que podem virar por perto...

Parcer que ele estava adivinhando: das árvores mais altas, do outro lado do rio, o olhar agudo dos indios Xavante já tinha descoberto o acampamento dos brancos.

Chico Pongá trouxe, creio, uma rede que trouxera pendurada à sela de seu cavalo e prometeu:

— baberi que man! Para matar o tempo, vou pregar uns peixes para o nosso jantar.

E sumiu para as barrancas do rio.



XXI

O GUARDA-CHUVA DO JAHUTI

Não decorreu dia manhã, a chuva não cessou, e ainda agora a tempestade continuava pelo resto adentro. Lá pelas tantas, Quinquim amarrou o barreiro de sempre e Joana tratou de aquistá-lo como conseguisse, contornando a costar-lhe a sua história:

— Tantia, Curumé, depois de se despedir pela segunda vez de seus amigos papais, repetindo-lhes a promessa de presentes e mais presentes para quando voltasse do fim do mundo, resolvou recrivar de novo, assim cansava-se comovia e andava muito depressa. E caiu na Áqua.

O tempo estava escuro. O céu transformado. O vento começava a jogar terra nos suoi cilinhos cilindros. O trovão rolava, na altura, de um lado para o outro. E olio vendou que a chuva desabava.

Curumbé, a princípio, achou deserto aquele parco apelido, sob as árvores zangadas, que discunham aguçando os galhos, as roupas desgrenhadas, encudidas pelo vento. Mas, em breve, coufi um aguaceiro grosso de que ela não getava ruído.

— Bem, vamos abrir o guarda-chuva, lembrou ela. E abrigarei a cabeça debaixo do casco, que é, como se sabe, meu guarda-chuva natural.

Quando, porém, o rio cresceu, a velocidade das águas aumentou e prendeu galhos começaram a cair despedaçados pela violência. Carumbé foi ficando mais e mais contente. De súbito, um ramo tombou e colheu-lhe o casco em cheio, obrigando-o a dar um mergulho profundo e inesperado. Assim que voltou à terra, exclamou:

— Oh! Se este galho me pegar a cabeça, adorri pentimento!

A tempestade aumentava de fúria; galhos de todo tamanho desceram, levados pela暴风雨, empurrando Carumbé que nem podia, da noite, andar recto, vagando os troncos e bâmanos, ora de costas, ora de frente, ora de banda, ora no fundo, ora à flor das águas.

O bombardero da tormenta era tão tenível que Carumbé não tinha sequer tempo para pensar o que fazer. A noite estava tão escura que ele seria incapaz de chegar até as próprias pescarias, se por acaso tivesse pressas.

Nisto, um relâmpago clarou todo, como se a rainha se houvesse incomodado, e Carumbé via passar, ao seu lado, um capirá grosso que podia servir-lhe de apoio. Agarrou-o então, com unhas e dentes e ficou orgulhoso:

— Oh! Ainda há quem diga que não sou esperto! Agora não largarei esse capirá e já vou ver de que lado bota a terra. Vamos dormir de navegadores com meu tempo, nesse meu barco podre nadagar, e não vejo o fim do mundo!

O espert, porém, não estava agarrado à terra, como ele supunha, e riu que conseguiu a arrastar Carumbé, numa velocidade mais inservível que a da própria tempestade.

Carumbé foi sentindo uma coisa exquista, parecida com prazer, e quisvir se adagar:

— Capurá! O espert! Que prazer é essa?

O capitão não lhe deu confiança. E continuou a caminhar em silêncio. Carumbé interveiu:

— Capitão! O capitão! De que terra você foi arrancado?

Não obteve resposta. Então, perdendo a esperança de explicar aquele misterioso, Carumbé pensou com maior certeza o capitão, mas teve ainda mais medo de se ver só de todo. E donde iria parar? Estava apavorado!

Essa viagem vertiginosa continuou por muito tempo e Carumbé devia ter perdido o sentido da si, pois, quando pôde novamente examinar o local em que se achava, a tempestade havia passado e o capitão havia sumido:

— Arre! Aquela capitânia corria tanto que percebi que ia tirar o pé da terra. Será que ele chegou a tempo de salvar o capitão!

Mal sabia que o tal capitão, que o rebocara rio abaixo, era, exatamente, nada menos, que uma das cértegas ou barbillhas de um turutuba, e maior e o mais velho dos peixes do rio.

Carumbé olhou para cima e viu o céu aberto, sem nuvens nem árvores. E admirou-se:

— Gentel! Que tal feito da floresta!

Olhou para a frente e só via água. Olhou para a esquerda e só via água. Olhou para a direita e só via água. Olhou para trás e só via água.... Então ficou desorientado:

— Oh! Como é que a terra se acaba? Será que já cheguei ao fim do mundo?

Se fosse outro qualquer fechado nesse espaço, pensaria que, realmente, ali terminava o mundo. Mas Carumbé apressou-se a usar a intuição. E vendo que a água exibia mesma direção, concluiu:

— Bem, se essa água está correndo, com certeza é um rio maior e vai para algum lugar. Podemos pegar lá.

Mal sabia que era o Rio Amazonas, o río-nai, o

maior de todos os outros rios do Brasil e um dos maiores do mundo!

A assim pensando, acordou o lobo, soltou os roncos, e conseguiu a paragem à deriva, isto é, no maior da costume. Um bando de araras-caranás passava no alto. Carumbé marcou encantado as belas trés de pelú amarelo e suas vermelhas e gritou:

— Olá! Olá! Olá!

Uma dasas balzou sobre ele, fazendo um voo penetrado. Carumbé esquivou-se e recitou-lhe logo um versinho:

— Cachorro!
Viu quem é?
Pois sou eu,
Carumbé....

Mas a arara-caraná, sacudindo as asas, gritou-lhe:

— Arara! Arara!

Achando que era desafio, Carumbé replicou:

— Arara é você! Então você não se confessa?

E suspirou a arara, justificando-se ao bando, com de fumaça no horizonte, Carumbé comentou consigo mesmo:

— Neste mundo, há bichos capazes de tudo!

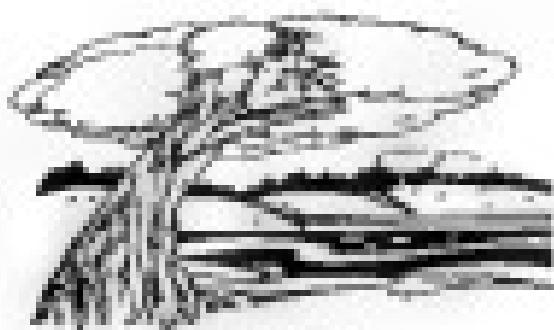
Al o sol afundou nas ligações e a noite entrou windo. Carumbé começou a cravar as estrelas, mas em breve perdeu a conta. De repente, porém, teve uma grande alegria: de um lado, o céu ia-se iluminando, lentamente.... Copas de árvores iam aparecendo e, entre a uma delas, surgiu um lobo enorme!

— Olá!... Nunca vi coco tão grande! bradou ele. Tapó este me apelando. Vou apertar de nervo que são horas de dormir.

Assim dizendo, dirigiu-se para aquele lado e passou depois para terra firme. Encolheram-se, então,

dentro do casco, que era sua rede natural, e borrou no sono.

Quando Joana chegou a esse ponto, foi também para a sua rede, porque verificou que Quisquey já estava dormindo....



XXII

OS VIGIAS XAVANTÉ

A cheverada ameaçava não parar tão cedo. Joana Borota sabia disso, não bem como Nica Manco e os habitantes daquele sertão. A estação das águas é um divisor menor, porém mais denunciado que o de Nedidara moses, e é preciso ter paciência para suportá-la....

Na situação da proliferação, a paciência é difícil mas indispensável. Por isso, naquela dia, ela desesperava muito apreensiva. Ela só tinha pressentimentos desorientadores e tristes. A chuva, que lhe parecia explêndida para impedir a passagem mais depressa rio abaixo, poderia também impedir que seus amigos a encontrassem, pois o terrível encharcamento se torna impraticável para a caminhada de uma expedição numerosa, como seria certamente a organizada em socorro delas.

Ao sair da noite, recolhida à ora, sua agressividade aumentou. Embalava a rede de Quisquey, quando ou-

vir a voz rouquista do cacique, que perguntava aos vigias recém-chegados da tribo:

— Os brancos ainda continuam amarrados do outro lado do rio?

— Não, cacique. Hoje, pela manhã, não os vimos mais. Retiraram-se de madrugada.

— Que rumo tiveram seguido?

— Voltaram para trás, com exército.

— F precisou confrontar a vigia. Quando a encheira passar eles voltarão para atravessar o rio. Estão todos a postos?

— No alto de cada dunas há um Xavante à expectativa, cacique!

Joana ficou com a coração sobressaltado: ela sabia que os brancos haviam acampado nas vicinhanças da tribo. E isso lhe causava enorme alarma. Mas, no mesmo tempo que lheve conhecimento de tal noticia, ficou sabendo que haviam levantado acampamento e saído da costa das vigias Xavantes. Como explicar esse fato? Devem perder as esperanças de que ibam chegar em alguma socorro?

De repente, porém, fez uma pergunta a si mesma: que não seria aquela justa no qual os brancos se amarraram? só podia ser a Norden e posteriormente na maré dureira, porque os negros estavam à expectativa na costa que Escava à margem esquerda. Mas por que teriam levantado acampamento e voltado¹ por conta da encheira² mas não trouxeram a encheiente que, impedindo-lhes a marcha, os obrigará a acampar?

Foi, então, que lhe ocorreu uma explicação muito agradável: queria saber se alguém lhe trouxera perdido a parangá e decifrado a mensagem? Se não explicaria a inuidade de rumo: eles não estariam indo embora e sim dando uma volta a fim de se livrarem das emboscadas e apagar os Xavantes desprevenidos. Esta idéia aliviou-lhe o coração, mas assim mesmo não dormiu, pois já devia ser bem tarde e preciosas esperas acordadas

que Quinzeim deu o sinal de expirar de todos os noites.

Não tardou muito e o esperado aconteceu: o mesmo acordou gritando e Joana correceu apressando-a e prometendo-lhe a continuação da história do Carumbé.



XXIII

O FIM DO MUNDO

— **C**onvidava eu-lhe la dianteiro entres, Carumbé, depois que alcançou a margem do grande rio, como se sentisse morte de cansaço, ficou num sono profundo. Lá pelas tantas, apertou o saco metido num pôrto-do-mato. Aproximou-se dele, apoiou-e disse ao ancião:

— Pode ir embora, meu caralho. Agora vou descançar por aqui e tirar umas baloradas de meu chitinho.

Li assim dormindo, sentou-se em cima do Carumbé, pensando que era uma pedra. Cruzou a dianteira que tinha com a entre que faltava, bateu duas pedrinhas até sentir frio, acordou e cochinhilhhou e ficou tirando baloradas que não soltavam mais.

A medida que pitava, as braus iam caindo em

tomo vo-labutí sei que essa caia não teme li tua carca
descalha que quase o queimou.

Carambó acordou assustado. Quis recuar, para
tentar que a brasa o abafasse, mas quem dali que
podia?

— Misericórdia! Como vocês podem! comentou
ele em voz alta, certo de que estavam mortos.

Mas não estavam. Saci devia-o, levantou-se imedia-
tamente, esfarrapado à lata do cachaço, e disse lamentan-
do o seu engano:

— Desculpe-me! Pensei que você fosse uma pedra.
Reconhecendo o saci, Carambó desmanchou-se em
ansiedades:

— Ah! desculpe-me não o haver reconhecido.
Sente-se bem estranha. Faça de conta que esta cadeira
é sua.

— Não, obrigado. Estive sentado muito tempo.
Quer tirar umas baforadas? perguntou saci, encorren-
do-lhe o cachaço.

— Agradecido. Não fumo. Quem fuma perde
tempo e caionha muito o que fazer!

— Quer dizer que o amigo está compreendendo
uma grande obra... respondeu o saci, curioso.

— Não, uma grande viagem, explicou Carambó.

— Pode-se saber para onde?

— Como não? Vou ao fim do mundo.

Saci deu uma risadinha aguda como um assobio
de vazio, e perguntou, ainda:

— Ao fim do mundo? E sabe onde fica?

— Bem, onde fica não sei. O unico, que sabe
tudo, é que poderia ensiná-me.

— Poderia? Mas depende...

— Depende de qual? Não compreendo...

— Sim, depende do caminho que você seguir.

Carambó estava de boca aberta! E o saci, pensan-
do a sua surpresa, continuou a explicar:

— Sim, se você sair daqui e seguir em linha reta,

mas bem velinha, sem qualquer casincho e sem nenhuma barreira de tronco, árvore ou montanha, o fim do mundo é aqui mesmo.

— Como? Que é que o senhor disse? O fim é no princípio? perguntou Carumbé, cada vez mais encantado.

— Isso mesmo, ministro o saci. O fim será no princípio. Agora, se você quiser casincho, terá a volta das montanhas, desviar-se do curso dos rios que vão à mata-frete, para seguir outros, que correm para outros lados, então o fim do mundo é muito mais longe.

Carumbé continuava na mesma, e continuou querendo completamente certo com a explanação. Foi quando o saci resolveu dar um exemplo para se tornar mais claro:

— Se uma formiguita andar pela casca de um coco, seguindo só sua direção, terá que chegar ao mesmo lugar, não terá?

— Têm razão, respondeu Carumbé.

— Pois faça de conta que você é a formiguita e o mundo é um coco imenso.

— Sí, mas se o mundo é um coco, onde exatamente?

— O coquinho não aparece, está escondido no ovo, dirige.

— Quer dizer que o mundo é só esse coco?! Pensa dessa forma não há mais nada?!

— Hh, sim. Há outros e outros que ninguém pode contar; o sol, por exemplo, é um coco de fogo, a lua é um coco descolado, as estrelas são coquinhos em fogueira, que parecem pequenos raios, vivos de peito, são massas que o sol.

— E tem dessas coquinhos?

— Para esses coquinhos, há outros que não vemos... .

— Quer dizer que há sempre coquinhos de sol?

— Sim, o espaço não tem fim.

— Mas não posso compreender nenhuma coisa que não tem fim.

— Não faz mal que você não comprenda, o coquinho continua não tendo fim mesmo.

— Mas eu queria compreender...

— Não quero compreender, Garuimbó! Há pensamentos grandes demais para o tamanho da sua cabeça!

E sem dar mais atenção ao jabuti, o coelhinho despediu-se, dizendo:

— Bem, a madeiração vem vindo e eu vou indo. Antes, porém, vou lhe dar um conselho: avise a todos com o bicho mais perigoso do mundo!

— Com o jacaré?

— Não, o jacaré é um pobre coidadão.

— A onça?

— Qual! A onça é a minha mestra!

— A capivara?

— A onça, nada! A onça é um carneiro.

— Então já sei: é a vacari quebra-ossa!

— Não, essa só espanta quem é mais bobo que ela.

— Então não sei...

— É o bicho-homem! Um bicho que anda sobre dois pés e se parece com o macaco mas não é peludo.

Nesse momento, um colibrí pegou iluminou a cabana e Joana Boaventura percebeu que Quincas dormia.

Então, encostando-se na sua rede, adormeceu também.



XXIV

O AMIGO DA ONÇA

Quinta, naquela dia, anotava, Joana Boaventura, cada vez mais preocupada com a sorte que teriam o pai de Quinquim e seus amigos de Pau-Brasil, resolhendo a cabana cedo, mas não conseguiu dormir. Quinquim, no entanto, envolto pelo barulho da chuva, que continuava a cair, mal se deitou na rede, começou a ronronar. Antes da madrugada, porém, um trovão muito forte acordou-o. E ele conseguiu a chorar, chameando pela mãe. A professora, sempre atenta, tirou logo de acalentá-lo, dizendo:

— Não chore, Quinquim. Vou continuar a contar-lhe a história de Jata Carumbé, que estava à margem do Rio Amazonas, conversando com o sol.

Então houve aquele momento maravilhoso que é, segundo a lenda, o cavalo da meia. Ela já estava se despedindo de Carumbé, quando se lembrou de avisá-lo que tivesse cuidado com o bicho homem! Desperada, assim, a curiosidade de Carumbé, que não o deixou pará-lo, encheu-se de perguntas e nenhuma perguntou:

— Mas será que esse bicho é tão perigoso assim?
— Se é! respondeu a menina.

— Por que? Ele é mais forte que a onça?

— Não. Carumbé, continue o saci. Forse ele não é. Mas fico.

Carumbé, que estava todo arrepiado dentro da cova, tentava traçar o medo que sentia do lobo homem, insistiu:

— Como, tacá?

— Por causa das armas que inseria. É o desco lobo inventor. Vaja você, os outros têm garras, chifres, dentes, bicos, canudos, peçonha, ferro, serras e outras armas naturais para atacarem e se defendarem. O lobo homem, porra, inventa coisas mais fortes e mais terríveis e dá cabo de todos eles. Portanto, atençáo com ele! Precisa marcar planalto.

— Jatinho eu tenho, malhado à parte, tacá.

— Então não precisa ter mais nada.

— Nem medo?

— Nem medo! Só precisa ter cuidado. Todo cuidado é pouco.

— Peço desculpado, amigo tacá.

— Então, sói um dia!

— Ah... é obrigado pela ligação!

— Por isso não tem de que...

Saci abriu demais os dentes na boca. Chocou-se um longo estalo e, quase no mesmo instante, saírga o perco do-mato. Saci deu um salto, rastejou na panupa dele e sacou uma cerura desabalada, mordendo o espírito com seu esquerdo esquelético. E sumiu.

Carumbé ficou meditando sobre aquela conversa. Que ligão estranhanha encherá! Podia comodamente, agora, deporado em sabedoria!

— Que loko eu era! disse comigo. O fim do mundo é lá em casa meus? Mas não fui mal. Deve ser imperiosa: vou concretizar minha viagem ao centro, andando do fim para o princípio.

Mai pensava isso quando via, no horizonte da

madragada, apropria-se uma onça da beira do rio. Celado de pavor, murcharam os negros:

— Olá é a hora da onça beber água! Se ela me vê, adieu! bala viagem!

Ento e feito! A onça mal bebeu, voltou-se e deu coce Carumbé. Deu um miado de satisfação, lambeu os bigodes e espalhou os bigodes no ar, exultando:

— Olá! Fala encontro! Bom-dia!

Tremendo por dentro, Carumbé respondeu, com um pigamo:

Bom-dia, rainha amiga!

— Amiga?! perguntou a onça, espantada. Quem já viu onça amiga de jabuti? Amiga de combé é o que você quer dizer, não é?

— Logo vi que a onça era enganada. Eu não me chamo jabuti, eu me chamo Carumbé!

— Não vejo diferença nenhuma! É um testudo como os outros.

— A diferença... a diferença... disse Carumbé, afastando-se para trás. A diferença é que... eu... Carumbé... sou o maior amigo-da-onça!

— Amigo-da-onça, não é? Amigo-da-onça, não é? perguntou ela trepçando, enquanto ele recuava.

Nunca, na sua vida, Carumbé andara tão depressa em marcha à ré.

Quando a onça arremessou o pole para pegá-lo, uma cobra passou murmurando por cima dele e foi engolida na garganta da malvada. Ela arfou um miado espantoso, soltando para trás. Immediatamente surgiu um lobo e margeou-lhe uma longa lama, com ponta de caco, na baranga. A fera tentou defender-se mas foi bateu. Quando, final, baixou vezinha, Carumbé, que andava à lata encobidinho em testas escudos, suspirou aliviado e recitou um versinho:

— Eu bem que avisei,
não se fiz de santo!
Eu fui, sou e serrei
um grande amigo da onça! . . .

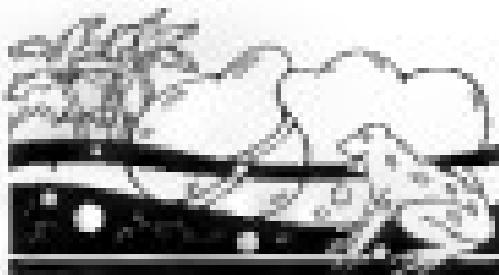
O índio, vendo Carumbé, abaiunse e apanhou-o,
dizendo: atibade:

— Vou levá-lo para Gramambí . . .

Botou-o num baúzil que trazia às costas e voltou
à cabana, arrastando a onça pela crista.

E foi assim que Carumbé conheceu o homem e os
homens começaram de tal aventura de Gramambí, o
coronha mais valente da terra.

Aqui Joana interrompeu a história porque Quim-
quim dormia de novo.



XXV

A PÚBLICA INSENADA

Passavam-se dias e noites, realtas noites e muitos
dias. Joana Botora se cansava de esperar que
o tempo melhorava.

— Ah! pensava ela. Agora o rio vai baixar. O
sol vai chegar a terra e os nossos amigos botos
aparecerão, quando menos se esperar . . .

As chuvas, porém, voltavam e o desespero tomava

costa dela novamente. Olhava, então, o seu pesado e indagava:

— Será que esse diabinho não acaba?

Toda as noites, sem faltar uma que fosse, costava ela na sua aventureira da Carumbé com seu companheiro interpará, o carumim Guarambi. Quisquim se mostrava cada vez mais interessado por aquela história seu filh, e isso era um castelo para Joana que tanto se empolgava em salvar o menino dos perigos que os ameaçavam. Ele estava se curando de suas terríveis feridas e não dava mais gritos na calada da noite. Acordava apenas e pedia banheira:

— A, saibora quer continuar a história da Carumbé?

Joana, agora, às vezes, nem se levantava; sentava-se na cama e, com toda a ternura, contava, contava, até que ele dormia de novo.

Já fazia mais de três meses que estavam presionados quando o tempo ficou firme, o céu clarinho de uma vez e o sol começou a brilhar. Com os raios de sol entraram novas esperanças no coração daquela filha da alegria que viajaria diariamente conigo mesmo, e fim de amanhã!

— Ah! meus amigos não devem tardar! Agora não há mais motivo para descreva. Depois fui-me apresentar, pensando: Saberão eles levantar das rocas da mata?...

Deus, se havia de salvar e guiar até a loba Xavante!

E a loba enternecida para Quisquim. Era, às vezes, parecia conformada com o prisão em que viviam, que entratocia sussurri que a noite chegava, e indagava de Joana:

— Será que meu pai não vem nunca?

— Vem, Quisquim, como não?

— Mas quando terá que ele chegar?

— Quando as águas do Rio baixaram de uma vez, respondeu ela, encobrindo-se de lamento:

Certo noite, porto, nesse seu mundo deserto, se encontra um grande barbeiro no interior. Come já entrou essa recolhida à noite, espessa de folhas, adentrando a sua caminhada em torno de cunha forma menor que a antiga. Tinha a quantidade de indio, que lhe pareciam mais de quinhentos.

De imediato, houve silêncio e a magistral voz de jacque se fez ouvir:

— Mandei chamar los, meus parentes, para gravar a todos. Ora não fizeram tanto que, com certos festivais, da passagem a vida. Um branco não de quem atrevem-se. E preciso deixar que passem um por um. Sei depois que trazem penetrado na matéria e que só temos os cercados, sitiados e presos. Mas são têm armas. De modo das águas sujas caíram sobre elas águas que permitem fazer uso delas. Haja céleste que alguma vez se agravasse a noite e desabrochasse o perigo ordinário. Amanhã teremos notícias do caminho que pretendem fazer. Estamos entendidos?

— Entendemos, mãe, que' respondeu aquela multidão de indios com um ruído de risadas.

Jacque deixou aquela conversa de corredor. Passado. Como calidatissimam os braços e ataques de tantos Xavantes.⁴ A luta só ter desgual se os Brancos trouxerem armas de fogo, ou indispensáveis restituam com a suficiência da surpresa do ataque e dos ferros de guerra.⁵ — Talvez dos Xavantes para cada Branco! Ela ignorava o numero de homens que haviam entrado Poxoró para matá-la los. Mas sabia que a vila Poxoró tinha numero muito elevado de habitantes é, afinal, nem todos haviam de vir em auxílio delas. Demais, dentro da floresta, os índios vivem em sua casa, e que sua matilha tem o homem civilizado.

Quase que nenhuma noite acordava mais cedo, e como sempre suscitava, no diaframa de sono, depois que

ela lhe contou mais episódios da história do Carandá. Joana, porém, não conseguia "pregar" elas, pensando na tragédia a que havia a luta dos brancos dentro da floresta desenhada, onde cada corte de árvore era um entorpecente de atrocidades gritantes.

De manhã nas alamedas sombrias. Ao sair ao intervalo com Quinquim, viu um grupinho de curitancas, — eram cinco ou seis meninas, colando pelo terreno uma parangaba enorme, patrocinada por aquela era que gravava a memória. Tinha o formato igual, se é que é que não era verde e nem parda, juntamente cor de caca, como se costuma dizer. Joana sentiu-se querer e, embora convencida de que não podia tratar-se da mesma, aproximou-se para ver melhor. De súbito, porém, teve um baque no coração: via na caca o mesmo desenho que fizera na outra! Não podia haver dúvida! A parangaba voltava!

De coração aos saltos, examinou atentamente o tronco: esse o arranjoamento da caca, o detalhe se tornava menos visível, menor ainda, mas era o mesmo, portanto a parangaba não podia deixar de ser a mesma também. Isso queria dizer que de nada lhe valeria a alegria! Alguns dos garruchos Kavanei a havia, por certo, picado no rosto, e trazia a tuba de novo! Seu desespero foi tão grande que as lagrimas lhe vieram aos olhos. Mas reagiu ao desespero e resolveu calar-se e manter silêncio.

Dizendo-se, então, à indagação que, no momento, abrigava a parangaba e lhe disse:

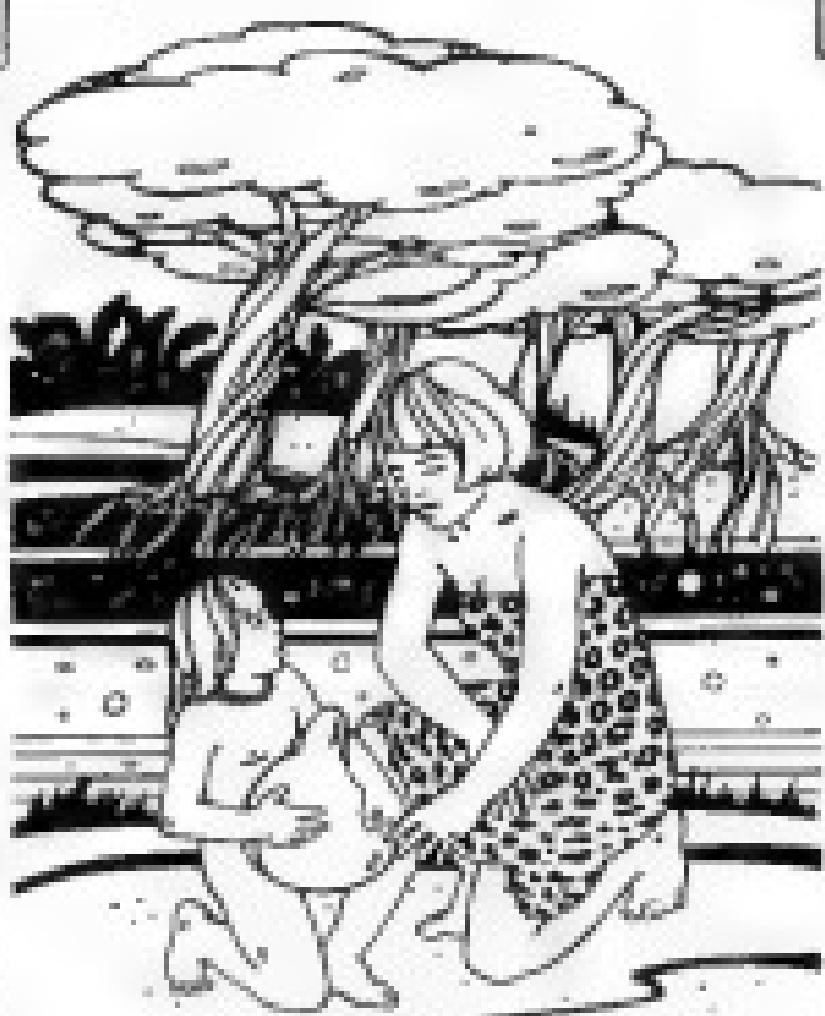
— Bonita parangaba! quem lhe deu?

A pequena abrigou-se com suas forças no grande tronco e respondeu, um tanto desconfiada:

— Minha mãe.

— E quem deu a sua mãe? Inundiu Joana.

— Foi o eu... o no que temos... Minha mãe pegou lá... e apontava para a cunhada.



Assim é que a moça que adorava a poesia
e dizer — Sóriso perfeito! Quem te deu?

— Li-lí naquele ponto? — indagou Joana, surpreendida. Não foi lá emburro?

— Não. Foi lá em, respondeu a pequena indagando com o dedo o mesmo ponto.

Estão um tumulto de pensamentos agitado e alvoroçado de Joana. Como poderia ter nascido a parangue achada num ponto assim daquele em que fosa lançada na contemporaneidade? Ela mesma a vira sumir se la emburro, numa curva distante da rota. Aquela era um monstro!

Dilegindo sua ignorância e quanto pôde e perguntou, ainda, observando de mais perto a parangue:

— Sua mãe vai fazer quase com ela?

— Não. Ela dei para eu beijar.

— E bonito! Grande e esplendorosa ascensioneira ainda a professora, enquanto, num relance, separava com alguma das flechas que dia desembocava, nadando e reluzente que segura com os Xavantes, havia outras outras subindo a margem esquerda do Rio Norden até suas nascentes, na Serra Azul.

Joana compreendeu o milagre que lhe parecia inexplicável! Aquelas novas flochas montavam três coras extraordinárias: primeira — os brancos haviam pensado a parangue e desfrutado a encantadora; segunda — haviam mediado de rumo para evitá-las emburreadas, subindo a Serra Azul até dar volta da nascente do Norden, para atingir a aldeia por entre lagos turcos — haviam desenhado nova rumo e lançado a parangue outra vez à contemporanea, no deserto de cravar uma resposta à sua encantadora e, se possível, prevera-lhe de sua prima chegada.

Joana Buarque respondeu profundamente. Um sorriso de felicidade iluminara-lhe a facezinha. E que queria dizer participasse de sua felicidade. Por isso voltou à cama e chamou-a:

— Obrigadim! Venha cá!

O menino atendeu prontamente ao chamado. Ela apertou-o, abraçou-o e beijou-o, exclamando:

— Louvado seja Deus, Quinquim! Estasas salvad Sou pal viver ai...

— Hoje? perguntou Quinquim, falando de comodato.

— Hoja ou amanhã, respondeu ele.

— Mas como é que a senhora sabe?

— Eu recebi uma carta de Deus, explicou rindo. E como Quinquim se mostrasse intrigado e insatiable, sonhou-se nos calabouços e contou-lhe a maravilhosa aventura daquela parango, que fuisse uma viagem de ida e volta, sempre descerdido o capo de um só.

Quando Joana acabou sua narrativa, Quinquim não continha seu entusiasmo, e exclamou:

— Mas que parango esplêndida!



XCVI

A CENTESIMA NOITE.

NAQUELA noite, quem perdeu o sono foi Quinquim. Era rarinha sua alegria pensando em ver o sol, que virava para um lado e para o outro, continuamente, sem achar jeito na rede. Joana percebeu sua inquietação e resolveu distraí-lo, contando-lhe a história de Carumbá, do ponto em que ficara na véspera. E lhe disse:

— Quinquim, vou contar-lhe, agora, uma ave-
lha incrível que tornou Carumbé famoso em todas
as tribos do sertão!

Quinquim estava com a cabeça cheia de luta que
se preparava, mas, como era donzinho para ouvir his-
tórias, ficou quieto e se debruçou a escutar. E fez as co-
mêgas.

— Carumbé e Guarambi, o pequeno índio que
se tornara seu amigo inseparável, eram durante tra-
versuras e perseguições peças nos dentes da fúria. Re-
lacionaram provas extraordinárias! Guarambi era skuto,
mas quem tinha as roupas era Carumbé. E andavam
toda bravura, quando a tribo de Guarambi foi atacada por índios inimigos, enquanto elas passavam
fora.

Os homens e as mulheres procuraram salvare-se fu-
gindo e escondendo-se na mata. Mas o pai de Guarambi
foi levado certe proposito. Quando o curumim che-
gou de sua passagem e soube de que se passara, pôs-se a chorar e gritar como um desesperado. Vendeu-e na-
queira alçado Carumbé falso.

— Fique tranquilo! Vou salvar meu salvador!
Chegue a vez de pagar minha dívida de grandeza!

Carumbé disse não, porque era reconhecendo ao
pai de Guarambi, que o salvava das garras de urubus.
Mas o curumim continuava angustiado, porque não
via jeito de salvar seu pai. Carumbé também não sabia
bem como seria possível, mas seu desuso era tão sincero
que estava certo de conseguir alguma ótima em favor
do urubu. E pensava:

— Tudo há de me ajudar.

Então, voltando-se para Guarambi, disse-lhe

— Peço na pedraona e venha corrigir. A pe-
dermora era uma pedra com que os índios adiantados
faziam fogo.

Guarambi, encantado a confiar na inteligência
de Carumbé, seguiu-o orgulhoso. E caminharam, ca-

micharam, caminharam seguidão sempre o resto dos inimigos, até que desceram a taba e viram o pai de Guanambi já amarrado no moutão dos condenados.

— Coitado de meu pai! lamentou o carunim. Será que aí vio malho?

— Calma, Guanambi. Isto não vio malho! Bem para que fu que não vienes aquí? Vá colher ressa ai pelo mato e volta logo, que a noite está chegada.

Guanambi afastou-se, deu uma busca pelas árvores e voltou, pouco depois, trazendo uma boa quantidade de ressa. Carumbé, entrou explodir:

— Gruda isso nas minhas costas e vamos esperar a noite.

Se ele mandou, Guanambi melhor fez, de modo que o caso de cima de Carumbé fosse revestido de uma espessa camada de ressa. E esperaram escurécer.

Quando era noite fechada, o pibati ordenou:

— Agora basta a madrugada, e logo logo naminhas costas!

— Mas não vai querer você? indagou o carunim, surpreendido.

— Iá, já, não... só mais tarde...

Então Guanambi tirou a friaca e atiou fogo no costado de Carumbé, que ordenou:

— Agora me acorrente de rastos. E se pôr a caminhar como se fosse um cãoço de fogo, Guanambi o seguiu, rastejando. E assim deitaram o mato e entraram na taba onde a tribo dormia, sonhando com a vibrissas desassada.

A sentiuela que tomava conta do patrões, ao ver aquela fogo agitando-se no moutão, fugiu assustada, gritando:

— Botari! Botari! Botari!

— Depressa! ordenou Carumbé severamente. Deixarás seu pai.

Aí, faz daquele fogozinho, Guanambi conseguiu destruir os noz da magarana e libertou o pau. Então Carambá agradeceu:

— Agora pegarei terra sobre meu sono extra-farto! E depois fogo, que eu irá mais tarde.

Guanambi e seu pau se abraçaram no morno instante e jogaram tantas partículas de terra sobre Carambá que o fogo se apagou e ele ficou meio enterrado. Instantaneamente os dois desapareceram e voltaram na direção da mata e nela se afundaram.

Quando a tribo despertou, com o alarme da noite, já era tarde; não havia mais suspeita no morro? Isto a senhora percevia que o bestial, não é, a colher de fogo, havia levado a prisão.

Ois índios ainda dormiam, imobilmente, bocas pelas redondezas, passando e repassando sobre o Carambá, que estava transformado num montinho de terra. Acabaram, então, desistindo e foram dormir de novo. Ali Carambá sacudiu a terra que estava sobre seu rosto e voltou calmamente para a cabana de Guanambi.

A fuma de Carambá, depois dessa aventura, cortava o ar. E foi por causa desse acontecimento que os índios conseguiram a contar histórias do jibuti que, afinal, não era outro, senão o próprio Carambá.

Nesse ponto, Quinquim, que já estava cansado de ouvir, perguntou:

— E Carambá nunca mais voltou à casa dele?

— Voltou sim, quando Guanambi ficou moço e se tornou casaque de sua gente.

— Mas Carambá chegou lá?

— Por enquanto não se pode saber porque ainda está caminhando... Agora vai nadando contra a corrente dos noz, de modo que a viagem ainda vai durar com isso. Mas Carambá vai infatigável, certo de encontrar a mãe ainda jovem e seus quarente milhinhos fortes e alegres, embora um pouco bobinhos. E vai cantando:

— Faz chegar-lá,
Kiss... Kiss...
Faz romântico
Covinha a marré...

Joana foi repetindo essas versinhas, cada vez mais gravemente, enquanto estalava a rede, até que Quinquim dormiu.



XXVII

O MAIS BELO DIAMANTE

O sol apontava, dourando os picos da Serra Azul, quando Joana despertou Quinquim e veio para a porta da cova apertar os negros cabelos com um pente, que ela mesma havia fabricado com espinhos de jacaia, e enfeitado com penas multicolores de pavãozinho.

A maloca estava deserta de hansen. As mulheres e as crianças, porém, já se achavam no beira do Rio Jussari, que se tornava fio amargo daí e de Quinquim, atirara-se a seu lado. Mas, de repente, ergueu a cabeça, espelhou as orelhas no ar e olhou para o lado da serra. Instantaneamente saiu em disparada nessa direção, engolhindo as fôlegas que havia por trás da ma-

Ioco. Joana, que estava de coração prevenido, avisou Quinquim:

— Ipanau! Sente alguma novidade? Vá ver o que é.

Quando se abriu de penetrar, o ralo actuava a diligência, latindo frouamente. Seus latidos assustaram as mulheres e crianças que, abandonando a digna, correram para o terreno. Soparia, que vinha à frente, olhou para a senra e deu o alarme.

— Tapirapacá! Tapirapacá!

Ela queria dizer que eram cavalos e homens brancos. Mas como não conhecia cavalo, chamava esse animal de tapirapacá, latiu 4, sussurrou grande.

Um grande unísono de terror saiu da garganta das canhãs, dos curumins e das curuá-langs no momento em que invasores de riguroa deram de cavaleiros brancos apontando suas armas para o grupo e marchando saídos. Venham à frente Quincas Vêndico, Chico Ponga, José Pequeno e Núco Macca. Ipanau actuava, tentando a luta como um diabo.

As mulheres e crianças Xavante apinhadas de surpresa e sem meios de se defenderem, evitaram apavoradas, crevando Quinquim e Joana dormirem no encontro dos brancos.

Os cavaleiros fizeram-lhes ordens, os avizoraram. E era tempo pois Quinquim se aproximara tanto que já agarrava a róbida montaria de Quincas Vêndico, reclamando.

— Meu pai!

— Quinquim, meu filho! badeu o garimpeiro, tomado de profunda emoção. E, pendendo a espingarda nombro, abanando a quando a mão no mazaro, dizendo.

— Suba aqui!

Quinquim não se fez de rogada, pulou e encaramose na fronte do pai, que o abraçou, chorando.

Nesse momento, Joana Botora alcançava o grupo e ordenava aos cavaleiros:

— Cavaleiros, ai amanhã! Não há perigo de resistência. Os homens todos estão longe, andam lá pela mataria.

— A nova espera, não é? perguntou indignado Ducco Manco.

— Sim, na localia como sempre! suspirou ela.

— Pois então vamos ao seu encontro, para lhe dar uma lição!

— Não, não devemos fazer isso. Vamos arriscar todas à tua. O que devemos fazer é justamente o contrário: é tentar de atravessar o rio e voltar a Possema, evitando qualquer espécie de luta.

A menina Botora como que suspira o comando dos comandos com cavaleiros. Quancas Vendâncio olhou para ela com os olhos cheios de surpresa e a alma transformada de gratidão.

Voltando-se, entrou, para as costelas, ainda abobadas com aquela expectativa, ela as encorajou, dizendo na língua Xavante:

— Nada recearem! Assim como vocês não nos fizeram mal nenhum, nem nenhum mal lhes farei os nossos amigos. Agradeço-lhes a bondade com que sempre nos trataram. Mas peço a todos um favor: fiquem quietas até que tenhamos ado embora.

Depois, virando-se para os cavaleiros, disse, sorrindo:

— Agora é preciso de uma roupa de civilizada e uma montaria... Quem me arranjá?

Vendâncio, tirando imediatamente o poncho com que se abrigava, entregou-o à professora. Esta vestiu-o sobre a pele de matusqui e abriu-o à cintura com uma cintura. Enquanto fazia isso, Chico Pongá, que apertava o animal num que couria seu pedalo, entregava-lhe as rédeas, ducendo suavemente:

— Mamon.



— Não vamos arriscar radares à noite. Devemos atravessar o rio, evitando qualquer estrada de terra.

— Obrigada, disse ela, mordendo. Mas o senhor, onde vai?

— Eu vivo em qualquer das mudas de canga.

Mal acabou de dizer essa resposta, Chico Pongô viu, no terreiro, a parangaba abandonada. Correu para apinhá-la, exclamando:

— Bravos parangás! Vou te levar contigo porque fui eu que te peguei!

— Que vai fazer com ela? perguntou, rindo, Quinquim.

— Vou enchi-la de diamantes! respondeu ele soltando o precioso fruto e colocando-o numa das mudas cangambás.

Todos riram. Mas José Piquete comentou:

— Se não fizesse essa piadinha...

— Vamos, então? corridos Joana, que estava cansada de viver na aldeia, e sabia que não convivia perto tempo.

— Vamos! responderam todos.

Joana preparou seu animal com o de Quincas Vinalício e a cavalejada partiu.

— Adeus, Sagrada! Adeus, Jaracu! Adeus, Vouz! gritava Quinquim agitando a mão.

Mas os três cariocas não entenderam ou não tinham tempo de responder, tamanha era a emoção da tribo.

Todos atravessaram o rio e tomaram o rumo de Vila. Quando já estavam muito longe da aldeia, Joana Botura chamou a atenção de Quinquim:

— Olhe quem veio vindo aí...

Quinquim olhou para trás e fez uma exclamação de alegria:

— Jamari!

Bastamente era o sachorro que vinha, de Ilha Grande, carregado de tanto coitado para acompanhar os amigos.

— É uma lembrança de meus amigos que Xavante, disse ela.

E como Quincas Verlaciio não entendesse o que ela queria dizer, Quinquirim foi explicando se pôr a história de Janaú, dos espólios da marido e tudo mais.

E Quincas Verlaciio ia se encantado de admiração pela professora. Num dado momento, Quinquirim perguntou ao pai:

— Sabe que dia fico sendo a minha mãe quando?

— É? perguntou Verlaciio, surpreendido.

— Agora você não precisa mais de mim, Quinquirim... disse a professora.

— Preciso, sim. A senhora não quer mais?

— Eu quero, mas não sei se seu pai aceita, caprichosa Joana, abraçando os olhos.

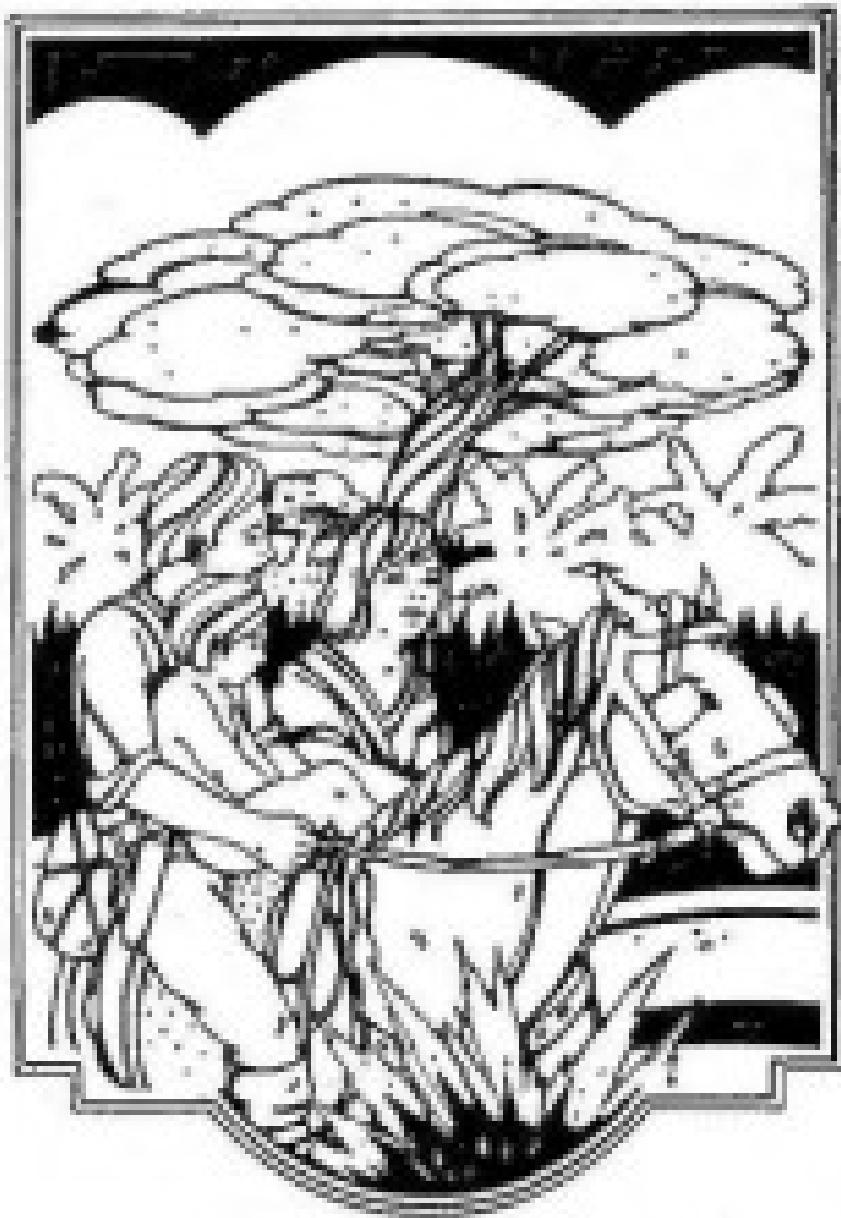
— Como não vai de aceitar? perguntou Verlaciio, emocionado. Como não vai de aceitar uma criatura tão boa que Deus mandou para trás de meu filho?

Uma semana depois a Vila de Povoroz entra em festas. Quincas Verlaciio e Joana Botelho se casavam.

Foi um casamento romântico porque Verlaciio vendeu o diamante que encontrara à sua faleira, isto é, a um confeiteiro de pedras preciosas da Capital, por mais de um milhão de cruzeiros. Pagou a José Piquete, além da parte que lhe era devida, os dez mil cruzeiros da aposta, e entregou a Niso Bianco quantia ilimitada a fim de que ele promovesse a construção de uma boa escola, na principal rua de Povoroz.

Após o casamento, Quincas Verlaciio, Joana Botelho e Quinquirim partiram para a Capital. Aí, só, porém, Verlaciio abraçou Chico Pengal e lhe disse:

— Mais obrigado por tudo. E, principalmente,



— Como não hei de sentir uma infelicidade tão boa que
Deus mandou para mim de meu filho?

por mim haver animado tanto! Realmente: achai um
diámano que vende por bom dinheiro e outro mais belo
ainda, que não há diâmano que pegue — é só o que
faltava para meu filho!

Os guimpeiros despediram-se de Quinquim, di-
cendo-lhe:

— E agora vai embora para a Capital e nunca
mais visitará os amigos, não é, seu ingrato?

— Voltarei, sra., suspendeu Quinquim, abraçan-
do a todos. Voltarei para ver vocês e para dar notícia
de Janaíl a meus novos amigos — Sagáira, Jaraguá e
Vera.